



HISTÓRIA DA IGREJA



SEMEADOR

NITERÓI, 2005

**Seminário Evangélico para o
Aperfeiçoamento de Discípulos
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Supervisão Editorial:
Pr. Luiz Cláudio Flório

**Projeto Gráfico,
Edição e Impressão:**
Mídia Express Comunicação

Todos os direitos reservados

**Comunidade Cristã
Jesus para o Mundo**



Apresentação

Este livro foi escrito pela equipe de redatores do Seminário Evangélico Para o Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR com base em fundamentos recolhidos de várias fontes: autores cristãos

reconhecidamente inspirados por Deus, estudos aceitos e adotados por outros seminários evangélicos de prestígio e, acima de tudo, a visão específica que o Espírito Santo tem atribuído ao ministério da Comunidade Cristã Jesus Para o Mundo.

Por se tratar de conteúdo bíblico, o assunto aqui tratado não se esgota, em nosso entendimento, nas páginas deste ou de qualquer outro livro. Cremos no poder revelador da Palavra de Deus, que nos oferece novas induções a cada releitura. Por isso, o objetivo maior do SEMEADOR não se limita ao estudo teológico, mas sim em trazer a presença de Deus e a Palavra *Rhema* na vida de discípulos e obreiros que queiram um verdadeiro compromisso com o Seu Reino.

A Bíblia e a presença de Deus são, portanto, requisitos indispensáveis para os alunos do SEMEADOR, tanto no estudo deste livro como durante as aulas.

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9

Equipe de Redação

Índice

Capítulo 1

Início do Cristianismo

7

A Igreja Primitiva no período de 30 a 60 d..C.

Capítulo 2

O Cristianismo de 60 a 1500 d.C.

25

As perseguições, heresias, supremacia católica e a Idade das Trevas

Capítulo 3

A Reforma e a Contra-Reforma

59

A extensão da Reforma de 1500 a 1648 d.C.

Capítulo 4

A Igreja Protestante na Europa, EUA e Brasil

83

A evolução das igrejas protestantes após 1648

Bibliografia

103

Resposta dos Exercícios

104

Programa Curricular

105

História da Igreja



CAPÍTULO 1



O Início do Cristianismo

A Igreja Primitiva

Período de 30 a 60 d.C.

A História da Igreja é a história da sua missão. A igreja nasce, não quando o Senhor chama os pecadores, mas sim quando o Senhor os chama para torná-los pescadores de homens.

A História da Igreja tem sido sempre, desde a era apostólica, até o presente, a história da graça divina em meio aos erros dos homens. Esta história confirma Cristo como a inabalável pedra e insubstituível fundamento do grande edifício espiritual, Sua Igreja Universal, formada por todos os santos, até a consumação dos séculos. Não podemos porém dissociar tal história dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais que acompanham a história da humanidade, bem como do impacto da Igreja como entidade, na sociedade mundial.

A história da igreja, portanto, é o relato da origem, do progresso e do impacto do cristianismo sobre a sociedade humana, baseada em dados organizados; e pelo método científico, a partir de fontes arqueológicas, documentais ou vivas. Ela é a história da redenção do homem e da Terra. Para sua melhor compreensão e assimilação, dividiremos este estudo em períodos que vão desde a fundação da Igreja Primitiva até a chegada e estabelecimento da Igreja Reformada no Brasil.

O ambiente em que nasceu a Igreja (30 d.C.)

Em Gátatas 4:4 Paulo chama a atenção para a história da preparação que antecedeu a vinda de Cristo: *“Vindo a plenitude dos tempos, Deus en-*

viou seu filho..."; e Marcos 1:15, afirma: "*O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo...*". O estudo dos eventos que antecederam o aparecimento de Jesus sobre esta terra, faz com que reconheçamos a verdade das afirmações de Paulo e Marcos. Com o nascimento do Messias um novo tempo para os povos começa a se configurar, mas somente após a Sua morte e ressurreição é que uma nova história começa a ser contada, inclusive e especialmente com o nascimento da Igreja, o Corpo de Cristo, a Noiva do Cordeiro que ainda está sendo escrita até os dias de hoje.

Neste contexto é importante ressaltar as contribuições dos judeus, gregos e romanos que de alguma forma, negativa ou positiva, contribuíram para o impacto da chegada do Messias e para o avanço do cristianismo.

As contribuições para o avanço do cristianismo

A) A contribuição política dos Romanos:

Este povo seguidor da idolatria, dos cultos de mistérios e do culto ao imperador, foi usado por Deus para cumprir sua vontade, e contribuir para o cristianismo.

1º) Os romanos, como nenhum povo anterior a ele, desenvolveram um sentido da unidade da espécie humana sob uma lei universal. Nenhum outro império tinha conseguido uma unidade política anteriormente. A lei romana, com sua ênfase sobre a dignidade do indivíduo, o direito a cidadania e justiça; além de sua tendência de agrupar homens de raças diferentes numa só organização política, antecipou um evangelho que proclamava a unidade de raças ao anunciar a pena do pecado e um único salvador.

2º) A unificação de terras e a expansão deste império sobre províncias e povos independentes ajudou a propagação do evangelho nos países ao redor do Mediterrâneo, bem como na Ásia, África e Europa. A segurança de traslado agora se estabelecia pela ruptura de fronteiras, estabelecida pela ocupação romana, dando fim a muitas guerras.

3º) Os romanos criaram um ótimo sistema viário que ia do marco áureo, no fórum em Roma, a todas as regiões do império. As estradas principais eram de concreto e duraram séculos. Algumas delas existem até hoje. Paulo indica ter-se beneficiado dessas estradas, para atingir os centros estratégicos do Império Romano.

4º) O exército romano foi de marcante presença no desenvolvimento de uma organização universal, bem como na propagação do evangelho.

Em muitos casos, soldados se converteram, e levaram o cristianismo para outras regiões. É provável que o cristianismo tenha chegado à Bretanha através de esforços de soldados cristãos.

5º) As conquistas romanas levaram muitos povos a falta de fé em seus deuses pagãos, desta forma, portas foram abertas para que o evangelho fosse pregado, devido a carência destes povos.

A consideração destes fatores nos permite concluir que o Império Romano criou um ambiente político favorável para a propagação do cristianismo nos primórdios de sua existência.

B) A contribuição intelectual dos gregos.

Roma pode ser identificada como o ambiente político do cristianismo, em contrapartida, Atenas ajudou a criar um ambiente intelectual propício para a pregação do evangelho. Roma conquistou a Grécia militarmente, porém os gregos conquistaram os romanos culturalmente.

1º) O evangelho universal precisava de uma língua universal para exercer um impacto real sobre o mundo da época. Alexandre “O Grande” anteriormente aos romanos já havia espalhado a língua Ateniense pelo mundo antigo, o qual passou a ser chamado de helenístico. Após a ascensão de Roma, este dialeto continuou a ser usado amplamente.

2º) A filosofia grega chama a atenção para um mundo que transcendia o temporal e o visível. Tanto Sócrates, como Platão, ensinaram cinco séculos antes de Cristo, que este presente mundo temporal dos sentidos, é apenas uma sombra do mundo real em que os ideais supremos são ao mesmo tempo abstrações intelectuais. Insistiam que a realidade não era temporal e material, mas espiritual e eterna. Porém ela apenas evidenciou que o melhor que o homem pode fazer, é buscar a Deus através do intelecto.

A origem e significado do mundo, a existência de Deus e do homem, o bem e o mal, enfim, tudo que tinha relação com filosofia tinha um especial fascínio para os gregos, e associado a isso o cristianismo respondia suas questões no relacionamento com um Deus pessoal. Era um povo educado para as descobertas, e de braços abertos para receber coisas novas, pois tinham compreendido finalmente a insuficiência da razão humana e do politeísmo.

O cristianismo ofereceu com sua oferta de um relacionamento pessoal, aquilo para o que a cultura grega, em função de sua própria inadequa-

ção, tinha produzido muitos corações famintos, não apenas de nacionalidade grega, mas por todo o mundo helenístico.

C) A contribuição religiosa dos judeus

Os judeus constituem um povo peculiar. Deus escolheu para ser seu povo santo, separado e exemplar. Seriam eles os transmissores da revelação divina a respeito da pessoa de Deus e de sua soberana vontade. Aparentando-se dos ensinamentos de Jeová, a medida que iam recebendo nova revelação progressiva, preservavam-se em sua pureza e intensidade de modo que, cumprindo-se a “plenitude dos tempos”, esse povo se constituiu de benção singular a todos os outros. Desta pequena nação cativa, situada no caminho da Ásia, África e Europa, veio o Salvador. O Judaísmo tornou-se o berço do cristianismo, e, ao mesmo tempo, forneceu o abrigo inicial da nova religião.

1º) Monoteísmo

Ao contrário da maioria das religiões pagãs, o judaísmo fundamenta-se num sólido monoteísmo espiritual. Nunca, depois da sua volta do cativeiro babilônico, os judeus caíram em idolatria. Os deuses pagãos eram apenas ídolos que os profetas judeus condenavam em termos muito claros. Sua doutrina foi espalhada por numerosas sinagogas localizadas em volta da área mediterrânea durante os três últimos séculos anteriores a vinda de Cristo.

2º) Esperança Messiânica

Os judeus ofereceram ao mundo a esperança de um Messias que estabelecia a justiça na terra. A esperança de um Messias tinha sido popularizada no mundo romano a partir da firme proclamação dos judeus. Certamente os homens instruídos que viveram em Jerusalém na época imediatamente anterior ao nascimento de Cristo tiveram contato com esta esperança.

3º) Sistema ético

Na parte moral da lei judaica, o judaísmo também ofereceu ao mundo o mais puro sistema ético de então. O elevado padrão proposto nos Dez Mandamentos se colocava com os sistemas éticos prevalecentes e com as práticas por demais corruptos dos sistemas morais pelos quais se pautavam. Para os judeus não era um mero fracasso externo, mecânico e contratual dos gregos e romanos, mas sim uma violação da vontade de

Deus, violação esta que se expressava de um coração impuro e se externava em atos pecaminosos. Esta perspectiva moral e espiritual favoreceu uma doutrina de pecado e redenção que resolvesse o problema do pecado. A salvação vinha de Deus e não seria encontrada em sistemas racionalistas de ética, ou nas subjetivas religiões de mistérios.

4º) O Antigo Testamento

Mesmo um estudo superficial do Novo Testamento revela a profunda dívida de Cristo e dos apóstolos para com o Antigo Testamento, e sua referência por ele como a Palavra de Deus para o homem. Muitos gentios também leram e se familiarizaram com os fundamentos da fé judaica. Este fato é indicado pelos relatos de vários judeus prosélitos. Muitas religiões, como o Islamismo, por exemplo, confiam em seus fundadores por causa de seu livro sagrado, mas o próprio Cristo não deixou livros sagrados para a igreja. Os livros do Antigo e do Novo Testamento, foram produzidos por homens, sob a inspiração do Espírito Santo, e são a literatura viva da igreja.

5º) Filosofia da história

Eles se opuseram a toda e qualquer visão que deixasse a história sem significado, com uma série de círculos ou como um processo de evolução linear. Eles sustentavam uma visão linear e cataclísmica da história, na qual Deus soberano, que criou a história, iria triunfar sobre a falha do homem para trazer uma era duradoura.

6º) A sinagoga

Nascida da necessidade decorrente da ausência dos judeus no templo de Jerusalém durante o cativeiro babilônico, a sinagoga, se tornou parte integrante da vida judaica. Através dela, os judeus e também muitos gentios se familiarizaram com uma forma superior de viver. Foi também o lugar em que Paulo primeiro pregou em todas as cidades por onde passou no itinerário de suas viagens missionárias. Foi ela a causa de pregação do cristianismo primitivo.

O fundador da igreja

O cristianismo foi favorecido pela região e pelo tempo em que surgiu. Originou-se no mundo Mediterrâneo - o maior e mais importante centro de civilização de então. Herdeiro que era da longa história judaica e tendo seu início nos anos de maior vigor do Império Romano, o Cristianismo gozava de todos os benefícios que o império oferecia aos seus cida-

dãos. O grande fundador da Igreja Primitiva foi Jesus Cristo, o Filho de Deus, enviado para a redenção do homem.

O ministério de Jesus:

Foi favorecido pelo breve ministério de seu precursor, João Batista. Sua primeira aparição pública no começo do seu ministério esta ligada a seu batismo por João. Jesus desenvolveu o ministério em centros judaicos, e sua estratégia era manter-se de acordo com sua afirmativa de que foi enviado as “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15:24). Depois da tentação no deserto Ele escolheu alguns dos discípulos que continuaram sua obra sob a liderança do Espírito Santo, após sua ressurreição e ascensão. Rejeitado em Nazaré, Jesus fez de Cafarnaum o centro de seu ministério Galileu.

A missão de Jesus:

A fase ativa do ministério de Cristo que durou pouco mais de três anos, foi mais uma preparação para a fase passiva da sua obra; seu sofrimento na cruz e sua morte foram os grandes eventos preditos pelos profetas (Isaías 53). Foi para este propósito temporal e eterno que Ele veio ao mundo. Os Evangelhos destacam este fato que chega ao clímax em referências como Mateus 16:21, Marcos 8:31 e Lucas 9:44.

A mensagem de Jesus:

Embora a cruz fosse sua missão primeira na terra, ela não foi a mensagem principal e nem foi considerado um fim em si mesmo. Um estudo dos evangelhos revela que o Reino de Deus era a mensagem principal do ensino de Cristo.

Os milagres de Jesus:

Foram numerosos e constituem parte integrante do seu ministério. Eles revelam a glória de Deus e mostram que Cristo era o Filho de Deus (Jo 3:2), a fim de que a fé pudesse se seguir. Estes milagres são chamados de poder, obras, maravilhas e sinais. A possibilidade e a probabilidade dos milagres são demonstradas pela existência de registros históricos que dão conta destes milagres como fatos históricos.

Os resultados de Sua influência:

A vida e trabalho de Jesus, não devem ser apreciados somente pelo número dos que o seguiram, devem ser apreciados principalmente pela influência que seus atos exerceram sobre as gerações futuras. A personalidade, a obra e os ensinamentos de Ele e, sobretudo, sua morte e ressurreição

marcam o começo do Cristianismo.

A expansão da igreja

Com pequenas exceções, Jesus limitou seu ministério terrestre aos judeus da Palestina. Grande parte dos últimos meses de sua vida foi dedicada ao preparo de um pequeno grupo de homens que haveria de confirmar a obra por Ele começada, e que depois de fortalecidos pelo Espírito Santo, tinham a tarefa de testemunhar dEle “em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra” (At 1:8).

A fundação da Igreja em Jerusalém

O Espírito Santo teve um papel de proeminência na fundação da Igreja Cristã. Ele se tornou o Agente da Trindade na mediação da obra de redenção dos homens. Judeus de todas as partes do mundo Mediterrâneo estavam presentes em Jerusalém para ver a festa de Pentecostes. A manifestação sobrenatural que ocorreu no falar em línguas foi a testificação do derramamento do Espírito Santo sobre os seguidores de Jesus.

O que se seguiu com a pregação feita por Pedro foi a aquisição de três mil almas mediante a aceitação da Palavra de Deus e do Evangelho de Jesus Cristo, marcando o início da igreja como organismo espiritual, igreja visível - o Corpo de Cristo (At 2:41). O crescimento foi rápido. Outros eram acrescentados diariamente ao número dos três mil até chegarem a cinco mil (At 4:4). Há menção de multidões se integrando a igreja (At 5:14). É interessante que muitos eram judeus helenistas (At 6:1) da dispersão e que estavam em Jerusalém para celebrar as grandes festas relacionadas com a Páscoa e o Pentecoste. Nem mesmo os sacerdotes ficaram imunes ao contágio da nova fé. “Muitos Sacerdotes” (At 6:7) são mencionados como estando entre os membros da igreja primitiva em Jerusalém. Talvez alguns deles tivessem visto a abertura do grande véu do templo, logo depois da morte de Cristo, e isto, junto com a pregação dos apóstolos, levou-os a se comprometem com Cristo.

Este crescimento rápido não se fez sem oposição. A perseguição veio primeiro de um organismo político-eclesiástico, o Sinédrio, que, com permissão romana, supervisionava a vida civil e religiosa do estado. Pedro e João tiveram que comparecer perante este egrégio órgão duas vezes e foram proibidos de pregar o Evangelho, mas eles se recusaram a cumprir a

ordem. Mais tarde a perseguição tomou cunho mais político. Esta perseguição deu ao cristianismo seu primeiro mártir, Estevão. Ele foi um dos mais destacados, dos sete homens escolhidos, para administrar os fundos de caridade na igreja de Jerusalém.

A igreja judaica em Jerusalém, cuja história foi descrita, logo perdeu seu lugar de líder do cristianismo para outras igrejas. A decisão tomada no Concílio em Jerusalém, de que os gentios não eram obrigados a obedecer a Lei, abriu o caminho para a emancipação espiritual das igrejas gentílicas do controle judaico. Durante o cerco de Jerusalém no ano 70, por Tito, os membros da igreja foram forçados a fugir para Pela, do outro lado do Jordão. Depois da destruição do templo e da fuga da igreja judaica, Jerusalém deixou de ser vista como o centro do cristianismo; a liderança espiritual da igreja Cristã se centralizou, então, em outras cidades, especialmente em Antioquia. Isto evitou o perigo de que o cristianismo jamais se libertasse dos quadros do judaísmo.

A Igreja na Palestina

A visita de Filipe a Samaria (At 8:5-25) levou o Evangelho a um povo que não era de sangue judeu puro. Os samaritanos eram os descendentes daquelas dez tribos que não foram levadas para a Assíria depois da queda da Samaria e dos colonos que os assírios trouxeram de outras partes do seu império em 721 a.C. Os judeus e os samaritanos fizeram-se inimigos ferrenhos desde então. Pedro e João foram chamados a Samaria para ajudar Filipe, pois o trabalho crescera tão rapidamente que ele estava sem condições de atender a todas as necessidades. Este reavivamento foi a primeira brecha na barreira racial à divulgação do Evangelho. Filipe foi compelido pelo Espírito Santo, após completar seu trabalho em Samaria, a pregar o Evangelho a um eunuco etíope, alto oficial do governo da Etiópia.

Embora aqueles que tinham sido obrigados a sair de Jerusalém pregassem somente aos judeus (At 11:19), não demorou para que surgisse uma grande igreja gentia que brotou em Antioquia. Aí o termo “cristão”, inicialmente empregado com sentido pejorativo por mordazes antioquieneses, tornou-se a designação de honra dos seguidores de Cristo. Foi em Antioquia que Paulo começou seu ministério público ativo entre os gentios e foi daí que ele partiu para suas viagens missionárias cujo objetivo fi-

nal era chegar a Roma. A igreja em Antioquia era tão grande que foi capaz de socorrer as igrejas judaicas quando elas passaram fome. Ela foi o principal centro do cristianismo no período de 44 a 68 d.C. A tarefa de levar o Evangelho aos gentios nos “confins” estava apenas começando. Começada por Paulo, esta tarefa continua ainda hoje como missão inacabada da igreja de Cristo.

O Evangelho chega aos Gregos

Paulo, capacitado pela revelação de Deus, foi que teve a visão das necessidades do mundo gentio, dedicando sua vida a pregação do Evangelho a este mundo. Como nenhum outro na igreja primitiva, Paulo entendeu o caráter universal do cristianismo e entregou-se a pregação aos confins do Império Romano (Rm 11:13; 15:16). Poder-se-ia até dizer que ele tinha em sua mente o slogan “O Império Romano para Cristo” pelo tanto que ele fez no ocidente com a mensagem da Cruz (Rm 15:15, 16, 18-28; At 9:15; 22:21). Embora não poupasse esforços na consecução deste ministério, ele não negligenciou seu próprio povo, os judeus. Isto se evidencia por sua procura das sinagogas judaicas logo que chegava a uma cidade e pela proclamação do Evangelho a todos os prosélitos judeus e gentios que pudessem ouvi-lo.

O serviço missionário de Paulo

Não poderíamos deixar de descrever em detalhes os serviços prestados por Paulo na expansão do Cristianismo neste período.

O ambiente de Paulo

O judaísmo foi seu ambiente religioso anterior a sua conversão; Tarso foi sua grande universidade e sua atmosfera intelectual, o palco dos primeiros anos de sua vida; e o Império Romano foi o espaço político em que viveu e agiu. Este ambiente político não parecia ser tão favorável a alguém para a proclamação do Evangelho. A situação social e moral era mais assustadora do que política. A pilhagem do Império criou uma classe alta rica de novos aristocratas que tinham escravos e dinheiro para satisfazer seus muitos desejos legítimos e ilegítimos. Esta classe desdenhava de certo modo a nova religião e viam seu apelo as classes pobres como uma ameaça a

sua posição elevada na sociedade. Mesmo assim, alguns desta classe se converteram com a pregação do Evangelho feita por Paulo na prisão em Roma (Fp 1:13).

Paulo enfrentou também a rivalidade de outros sistemas de religião. Os romanos eram de certo modo ecléticos em sua vida religiosa e se dispunham a tolerar toda religião, desde que esta não proibisse seus seguidores de participar do culto do Estado, que misturava o culto ao imperador com o velho culto do estado republicano e exigia a obediência de todos os povos do Império exceto aos judeus, que por lei eram isentos destes rituais. Aos cristãos não se concedeu tal privilégio e eles tiveram que enfrentar o problema da oposição do Estado. A conversão de Paulo foi também um evento histórico objetivo. Ele falou dela (I Co. 9:1;15:8; Gl 1:11-18), como foi seu encontro com Jesus na estrada para Damasco (At 9:22,26). Esta experiência foi vital para seu trabalho missionário, seu ensino, escritos e teologia.

A obra de Paulo

A índole de Paulo era tão múltipla que é preciso considerar a sua obra sob diferentes aspectos:

- *O propagador do Evangelho*: Uma consulta aos mapas de suas viagens indica o avanço do Evangelho através de sua pregação ao longo do semicírculo que vai de Antioquia a Roma. Paulo adotou como princípio básico a expansão do Evangelho para o Ocidente e é encantador o fato de ter alcançado seu objetivo, Roma, embora, fosse, então, prisioneiro do governo romano.

Ele iniciava seu trabalho nos centros romanos estratégicos indo primeiro as sinagogas, onde pregava sua mensagem enquanto fosse bem recebido. Quando surgia a oposição, ele partia para a proclamação direta do Evangelho aos gentios em qualquer lugar que julgasse adequado. Seu princípio era pregar aos gentios depois de ter pregado aos judeus. Depois de fundar uma igreja, Paulo a organizava com presbíteros e diáconos a fim de que o trabalho continuasse após sua partida.

Estes princípios seguidos pelo apóstolo serviram-lhe no desenvolvimento das igrejas como centros organizados para continuação da pregação do Evangelho. Ele não as deixou sem ajuda constante, pois usava visitar as igrejas que fundava, a fim de encorajá-las e fortalecê-las (At

15:36). Não é de admirar o rápido crescimento do cristianismo sob esta liderança sadia e inspirada.

- **As publicações de Paulo:** Paulo adotava a prática de se manter em contato com a situação local em cada igreja através de visitantes (I Co 1:11). Quando a situação local parecia exigir ele escrevia cartas sob a inspiração do Espírito Santo para tratar dos problemas particulares. Deve-se, ainda, atentar para o fato de que todas as cartas surgiram de uma crise histórica definida em alguma das amadas igrejas de Paulo. As epístolas são ainda hoje de grande valor para qualquer igreja na solução de seus problemas. Paulo sempre equilibrou formulas teológicas com aplicação prática.

- **Os princípios da teologia de Paulo:** A educação de Paulo no lar, na sinagoga e com Gamaliel; sua observação da natureza (Rm 1:19-20); sua experiência de conversão; sua mente criativa, e, acima de tudo, a revelação divina, foram importantes no desenvolvimento de sua teologia. O sistema ético de Paulo desenvolve-se a partir da união pessoal do crente com Cristo pela fé. Esta relação vertical deve ser completada com uma relação horizontal na qual o crente se une aos irmãos pelo amor cristão expresso numa vida moral (I Jo 3:23; Ef 1:15). Nem o legalismo do judaísmo, nem o racionalismo do estoicismo, mas o amor cristão deve ser a fonte da conduta cristã. Esta vida de amor envolve separação da corrupção pessoal que vem da adoração de ídolos, da impureza sexual ou da embriaguez – os grandes pecados do paganismo.

- **Paulo como polemista:** Paulo jamais se contentava em simplesmente apresentar o cristianismo. Ameaças à pureza da doutrina cristã levavam-no a luta contra o inimigo. Nenhuma interpretação falha da pessoa ou da obra de Cristo escaparam a sua condenação, nem deixou de tentar convencer os errados a voltarem a fé. Os acontecimentos do Concílio de Jerusalém., revelaram a tenacidade de Paulo quando uma questão fundamental estava em jogo. Ele estava pronto para fazer concessões secundárias, desde que isto facilitasse seu trabalho; mas não permitiu a circuncisão de Tito em Jerusalém porque a liberdade gentílica quanto a observância da lei ritual judaica era o princípio pelo qual lutava. A liberação do cristianismo da observância da lei cerimonial judaica foi o resultado de maior alcance do Concílio. A partir daí, a fé permaneceu como único meio pelo qual o homem alcança a salvação.

Paulo enfrentou também o desafio do racionalismo grego quando lu-

tou contra um gnosticismo incipiente na igreja. Alguns homens procuravam intelectualizar os meios da salvação assim como os cristãos judeus tinham tentado legalizá-los. O gnosticismo (falaremos mais sobre este assunto) tornou-se um perigo especial na igreja colossense. Paulo respondeu a esta heresia pela afirmação irrestrita da total suficiência de Cristo como criador e redentor (Cl 1:13-20). Cristo é a plena manifestação de Deus e não é de forma alguma inferior a Deus (Cl 1:19; 2:9). Não surpreende que Paulo, com esta fé, com esta coragem e com uma sólida perspectiva de sua tarefa, tenha sido capaz de levar a mensagem da salvação às nações gentílicas do Império Romano e fincar a cultura cristã na sua triunfante caminhada ocidental pela Europa.

A organização da igreja primitiva

A igreja existe em dois níveis. Um deles é um organismo eterno, invisível, bíblico, que é consolidado em um corpo pelo Espírito Santo. O outro nível é o da organização temporal, histórica, visível, humana. O primeiro é o fim, o segundo os meios. O desenvolvimento da Igreja como uma organização foi iniciado pelos apóstolos sob a direção do Espírito Santo. Todo corpo organizado precisa da divisão de funções e a especialização da liderança para que possa funcionar eficientemente. Uma liturgia para conduzir o culto da igreja de modo ordenado (I Co 14:40) é outra conseqüência lógica do crescimento da igreja como organização. O objetivo final da igreja como um organismo que cultua é a conquista da qualidade de vida.

O governo

A origem da administração eclesiástica deve ser creditada a Jesus, ao escolher os doze apóstolos que seriam os líderes da igreja nascente. Os apóstolos tomaram a iniciativa no desenvolvimento de outros ofícios na Igreja quando dirigidos pelo Espírito Santo. Isto não implica numa hierarquia piramidal, como a desenvolvida pela Igreja Católica Romana, porque os novos oficiais deviam ser escolhidos pelo povo, ordenados pelos apóstolos e precisavam ter qualificações espirituais próprias que envolviam a subordinação ao Espírito Santo. Assim, havia um chamado interno pelo Espírito Santo para o ofício, um chamado externo pelo voto demo-

crático da igreja e a ordenação ao ofício pelos apóstolos. Não deveria haver uma classe especial de sacerdotes à parte para ministrar o sistema sacerdotal da salvação, porque tanto os oficiais da igreja como os membros eram sacerdotes com o direito de acesso direto a Deus através de Cristo (Ef 2:18)

Estes oficiais podem ser divididos em duas classes. Os oficiais carismáticos (*charisma* em grego significa dom) foram escolhidos por Cristo e revestidos com dons espirituais próprios (Ef 4:11-12; I Co 12-14), suas funções eram basicamente inspirativas. Os oficiais administrativos constituíam a segunda classe, suas funções eram principalmente administrativas, embora após a morte dos apóstolos os presbíteros tenham assumido muitas responsabilidades espirituais.

- **Oficiais Carismáticos:** Estes homens, cujas responsabilidades eram a preservação da verdade do Evangelho e sua proclamação inicial, foram selecionados especialmente por Cristo através do Espírito Santo para exercer a liderança da igreja. Os apóstolos eram homens que tinham sido testemunhas da vida, morte e principalmente da ressurreição de Cristo (At 1:22; I Co 1:1;15:8), e que tinham sido chamados pessoalmente por Cristo. Paulo baseou seu apostolado num chamado direto do Cristo vivo. Estes homens, que foram os primeiros oficiais da igreja primitiva, combinaram em seu ministério todas as funções posteriormente exercidas por vários oficiais quando os apóstolos se tornaram incapazes de cuidar das necessidades da igreja primitiva em rápida expansão.

- **Oficiais Administrativos:** Eram democraticamente escolhidos “com o consenso de toda igreja”. Sua tarefa era executar as funções administrativas dentro da igreja local. Estes oficiais surgiram com a divisão de funções e a especialização necessárias para ajudar os sobrecarregados apóstolos diante de uma igreja em crescimento. O ofício do ancião ou presbítero era o mais elevado na congregação local. Os diáconos tinham uma posição de subordinação aos anciãos, mas aqueles que exerciam tal função precisavam das mesmas qualidades exigidas dos presbíteros (At 6:3; I Tm 3:8-13). A prática de eleição democrática era também uma recomendação dos apóstolos em Jerusalém (At 6:3,5). A ministração da caridade pela igreja era a principal tarefa dos diáconos.

Mais tarde, eles ajudaram os presbíteros na distribuição dos elementos da Ceia à congregação. As mulheres parecem ter sido admitidas a este

ofício nos tempo apostólicos, pois Paulo menciona a diaconisa com aprovação (Rm 16:1).

O culto

A questão de uma forma segura de culto parece ter sido uma preocupação ao tempo dos apóstolos. Paulo exortara a igreja a conduzir sua adoração de uma forma decente e ordeira (I Co. 14:40). Os cristãos primitivos não concebiam a igreja como um lugar de culto como se faz hoje. Igreja significava um corpo de pessoas numa relação pessoal com Cristo. Para tanto, os cristãos se reuniam em casas (At 12:12; Rm 16:5,23; Cl 4:15; Fm 1-4), no templo (At 5:12), nos auditórios públicos das escolas (At 19:9) e nas sinagogas até quando foram permitidos (At 14:1,3 17:1; 18:4). O lugar não era tão importante como o propósito de encontro para comunhão uns com os outros e para culto a Deus. A Ceia do Senhor e o batismo eram os dois sacramentos da igreja primitiva, usados por terem sido instituídos por Cristo.

O convívio social

A igreja primitiva insistia na separação das práticas pagãs da sociedade romana, mas não insistia na separação dos vizinhos pagãos em relações sociais que não fossem prejudiciais. Realmente, Paulo permitiu por inferência o convívio social que não comprometesse ou sacrificasse os princípios cristãos (I Co 10:20-33). Ele mesmo exortou, porém, à separação total de qualquer prática que pudesse estar relacionada à idolatria ou à imoralidade pagã. O cristão devia seguir os princípios de não fazer nada que prejudicasse o corpo do qual Cristo era Senhor (I Co 6:12) e deveria evitar tudo que não glorificasse a Deus (I Co 6:20; 10:31). Estes princípios proibiam a freqüência a teatros, estádios, jogos ou templos pagãos.

Apesar desta atitude de separação moral e espiritual, os cristãos estavam prontos para, como o próprio Paulo exortou, cumprir suas obrigações cívicas de obediência e de respeito às autoridades constituídas, pagamento de taxas e de oração pelas autoridades (Rm 13:7, I Tm 2:1-2).

Eles eram excelentes cidadãos, desde que não fossem instados a violar os preceitos de Deus, a maior autoridade a quem deviam obediência absoluta.

Com relação ao convívio entre os cristãos, temos um relato em Atos 2: 42-46, do seu modo de viver: *“E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”*.

A pureza da vida, o amor e a coragem da igreja primitiva em permanecer fiel, e morrer se necessário, exerceram um forte impacto sobre a sociedade pagã da Roma imperial, o que durou três séculos, desde a morte de Cristo até o reconhecimento oficial por Constantino da importância do cristianismo para o Estado.

EXERCÍCIO

1. ____ Os romanos contribuíram para o avanço do cristianismo.
2. ____ O judaísmo tornou-se o berço do cristianismo.
3. ____ A Igreja em Jerusalém foi formada a partir do Pentecostes.
4. ____ O evangelista Filipe levou o Evangelho aos samaritanos.
5. ____ O Evangelho chegou aos gregos através do ministério de Paulo.
6. ____ Paulo também foi um polemista. Ele lutou contra as ameaças à pureza da doutrina cristã.
7. ____ A origem da administração eclesiástica deve ser creditada a Jesus, ao escolher os doze apóstolos.
8. ____ A Igreja Primitiva insistia na separação das práticas pagãs.

História da Igreja



CAPÍTULO 2



O cristianismo
de 60 a 1500 d.C.

As perseguições, heresias, supremacia do catolicismo e a Idade das Trevas

Durante esse longo período poderemos observar as transformações que o cristianismo viveu, períodos de alguns privilégios e outros de grandes perseguições e acontecimentos.

A luta do cristianismo para sobreviver (60 a 313 d.C)

Os cristãos do segundo e terceiro séculos tiveram que fazer o que todo estrategista tenta evitar: lutar em duas frentes. Ao mesmo tempo em que lutavam para preservar a existência diante das tentativas do estado romano de acabar com ela, a igreja lutava também para preservar a pureza da doutrina.

Lutando contra o estado romano – As perseguições

Muitos têm a idéia confusa a cerca do número, duração, escopo e intensidade das perseguições que a igreja sofreu, neste período. Antes de 250, a perseguição foi predominantemente local, esporádica e geralmente mais um produto da ação popular do que resultado de uma política definida. Após esta data, porém, a perseguição se tornou, na maioria das vezes, uma estratégia consciente do governo imperial romano e, por isso, ampla e violenta. E neste tempo, a idéia de Tertuliano de que o sangue dos mártires é a semente da igreja se transformou numa terrível realidade para muitos

cristãos. Mesmo assim, a igreja continuou a se desenvolver até o período em que conseguiu a liberdade de culto no governo de Constantino. Vejamos as causas da perseguição:

A) Política: Muitas práticas cristãs pareciam confirmar as suspeitas da deslealdade básica dos cristãos ao estado levantadas pelas autoridades romanas. Os cristãos se recusavam terminantemente a oferecer incenso nos altares devotados ao culto ao imperador romano com quem o bem-estar do estado era inexplicavelmente associado na mente do povo ao período imperial entre César Augusto e Constantino. Quem sacrificasse nesses altares, podia praticar uma segunda religião particular. Os cristãos não faziam estes sacrifícios e eram, conseqüentemente, tomados como desleais. Os cristãos também realizavam a maioria de suas reuniões à noite e em segredo. Para a autoridade romana isso deixava claro que se preparava uma conspiração contra a segurança do estado. Os cristãos não serviam o exército até o ano de 313.

B) Religiosa: O sigilo dos encontros dos cristãos também suscitou ataques mortais contra eles. O vulgo popular os acusou de incesto, de canibalismo e de práticas desumanas. Entendendo equivocadamente o significado de “comer e beber” os elementos representativos do corpo e do sangue de Cristo, o vulgo popular logo depreendeu que os cristãos matavam e comiam crianças em sacrifício ao seu Deus. A expressão “beijo da paz” foi logo transformada em acusações de incesto e outras formas de conduta imoral que repugnava à mente cultural romana. Pouca diferença fazia se estes boatos eram verdadeiros ou não.

C) Sociais: Os cristãos defendiam a igualdade entre todos os homens (Cl 3:11), enquanto que o paganismo insistia na cultura aristocrática da sociedade em que uns poucos privilegiados eram servidos pelos pobres e pelo escravos. Os cristãos se separavam dos ajuntamentos pagãos dos templos, teatros e lugares de recreação. Este inconformismo com os modelos sociais vigentes lhes trouxe uma antipatia jamais conhecida por qualquer grupo inconformista da história. A pureza de sua vida era uma reprovação silenciosa às vidas escandalosas levadas pelas pessoas da classe alta. O inconformismo dos cristãos diante dos padrões vigentes levou os pagãos a pensarem que eles eram um perigo para a sociedade e os caracterizaram como “inimigos da raça humana”, capazes de incitar as massas à revolta.

D) Econômicas: No ano 250, em que a perseguição deixou de ser local e intermitente para se tornar generalizada e violenta, Roma entrava, segundo a contagem dos romanos, nos mil anos de sua fundação. Nesta época, uma fome e uma agitação civil assolavam o Império. A opinião pública atribuía estes problemas à presença do cristianismo e o conseqüente abandono dos deuses. Há sempre um bom motivo para a superstição quando se aproxima o fim de um milênio e os romanos nisto não foram melhores que as pessoas da Idade Média que viveram pouco antes do ano 1.000. A perseguição aos cristãos parecia, aos romanos, uma forma lógica de superar os problemas.

A perseguição da Igreja até 100 d.C.

A igreja, desde a morte do seu fundador, sofreu perseguições, ora com maior intensidade, ora com menor. Geralmente essas perseguições eram provocadas pelos judeus fanáticos e nunca por uma autoridade romana. Até os gentios se levantaram algumas vezes contra os seguidores de Cristo. Antes do ano 64, não encontramos nenhuma referência histórica indicando as autoridades romanas como responsáveis por perseguição aos cristãos.

Nero, tem o dúbio privilégio de ser o primeiro imperador a perseguir a Igreja Cristã. Embora nos primeiros anos de seu reinado, o evangelho gozasse de relativa liberdade, possuindo até seguidores entre os altos funcionários do império até mesmo entre os membros da própria casa imperial, no ano 55, Nero começou a sua escalada de violência. Nesse ano, por ocasião de uma festa, envenenou Britânico, seu irmão adotivo. No ano 60 mandou matar Agripina sua própria mãe. Ordenou a morte de Otávia, sua esposa, para casar-se com Pompéia. E, no verão do ano 64, com o fim de reedificar Roma, fez lançar fogo a um bairro da cidade, acusando então os cristãos como responsáveis por tão grosseiro crime. Os cristãos começaram a sofrer em decorrência dessa falsa acusação como podemos observar no relato abaixo.

“Em primeiro lugar foram interrogados os que confessaram; então, baseados nas suas informações, uma vasta multidão foi condenada, não tanto pela culpa de incendiários, como pelo ódio para com a raça humana. A sua morte foi tornada mais cruel pelo escárnio que a acompanhou. Alguns foram vestidos de peles e despedaçados pelos cães; outros morreram

numa cruz ou nas chamas; ainda outros foram queimados depois do pôr do sol, para assim iluminar as trevas. Nero mesmo cedeu os seus jardins para o espetáculo; deu uma exibição no circo e vestiu-se de cocheiro; ora associando-se com o povo, ora guiando o próprio carro. Assim, ainda que culpados e merecendo a pena mais dura, tinha-se compaixão deles, pois parecia que estavam sofrendo a morte não para beneficiar o Estado, mas para satisfazer a crueldade de um indivíduo”.(Tácito, historiador).

A perseguição estourou pela segunda vez em 95 durante o governo despótico de Domitiano. Os judeus tinham se recusado a pagar um imposto público criado para o sustento de Capitolinus Júpiter. Por serem identificados com os judeus, os cristãos sofreram também os efeitos da fúria do imperador. Foi durante esta perseguição que o apóstolo João foi exilado na ilha de Patmos, onde escreveu o livro de Apocalipse. Nesse primeiro período de perseguição sofrida pela igreja, muitos dos seus líderes, como Estevão, sofreram o mais cruel tipo de morte. Leia abaixo como se deu a morte de outros líderes.

“Segundo a tradição, Mateus sofreu martírio pela espada, na Etiópia. Marcos foi arrastado por um animal pelas ruas de Alexandria, até morrer. Lucas foi enforcado em uma oliveira, na Grécia. João foi lançado num caldeirão de óleo fervente, desterrado para ilha de Patmos, depois morreu em Éfeso. Tiago, irmão de João, foi decapitado por ordem de Herodes, em Jerusalém. Tiago, o menor, foi lançado do templo abaixo, ao verificarem que ainda vivia, mataram-no a pauladas. Filipe foi enforcado em Hierápolis, na Frigia. De Bartolomeu tiraram a pele por ordem de um rei bárbaro. Tomé foi amarrado a uma cruz, e, ainda assim pregou o evangelho de Cristo até morrer. André foi atravessado por uma lança. Judas foi morto a flechadas. Simão, o Zelote, foi crucificado na Pérsia. Matias foi primeiramente apedrejado e depois decapitado. Pedro foi crucificado de cabeça para baixo. Paulo, foi decapitado por ordem do imperador”.(EETAD, História da Igreja, pág. 26,27).

O cristianismo sob interdição estatal (100 a 250 d.C.)

A primeira perseguição organizada, como resultado de uma política governamental definida, começou na Bitínia durante a administração de Plínio, o Moço, por volta do ano 112. Antes, Plínio escreveu uma interessante carta ao imperador Trajano, em que prestava informações sobre

os cristãos, esboçava seu programa e pedia a Trajano uma opinião sobre o assunto. Dizia ele que “o contágio desta superstição” (cristianismo) espalhava-se por vilas e regiões rurais como também por grandes cidades com tal velocidade que os templos ficavam vazios e os vendedores de animais sacrificiais, empobrecidos. Plínio procurava informar a Trajano sobre sua política para com os cristãos. Quando alguém era denunciado como cristão, Plínio convocava o tribunal e lhe perguntava se era cristão. Se admitisse a acusação três vezes, era condenado à morte. Em sua resposta, Trajano assegurou a Plínio que ele estava certo em seu comportamento, não se devia caçar os cristãos, mas se alguém dissesse que alguma pessoa era cristã, esta deveria ser condenada, a menos que renegasse ou adorasse os deuses dos romanos.

A perseguição universal depois de 250 d.C.

O imperador Décio subiu ao trono imperial ao tempo em que Roma completava o fim do primeiro milênio de uma história e numa época em que o império cambaleava sob calamidades naturais e ataques internos e externos à sua estabilidade. Os cristãos foram tomados como uma perigosa ameaça ao estado por causa de seu rápido crescimento numérico e por sua aparente tentativa de se constituírem num estado dentro do estado.

Décio promulgou um edito em 250 que exigia, pelo menos, uma oferta anual de sacrifício nos altares romanos aos deuses e a figura do imperador. Aqueles que oferecessem este sacrifício receberiam um certificado chamado *libellus*. A igreja, mais tarde, foi sacudida com o problema de como tratar aqueles que tinham negado a sua fé cristã para conseguir esses certificados. Num império despótico como este, não havia lugar para elementos democráticos no governo ou para a tolerância de crenças hostis à religião do estado. Foi nesta situação histórica que aconteceu a mais dura perseguição enfrentada pelos cristãos.

Os primeiros editos, com ordem de perseguição aos cristãos, foram promulgados em março de 303. Diocleciano ordenou o fim das reuniões cristãs, a destruição das igrejas, a deposição dos oficiais da igreja, a prisão daqueles que persistissem em seu testemunho de Cristo e a destruição das Escrituras pelo fogo. Um último edito obrigou os cristãos a sacrificarem aos deuses pagãos sob pena de morte caso recusassem. Eusébio conta que as prisões ficaram tão cheias de líderes cristãos e crentes comuns que não

haviam lugar suficiente para os criminosos.

Depois de outros períodos de perseguição, Galério promulgou um edito, em seu leito de morte em 311, que estabelecia a tolerância ao cristianismo, desde que os cristãos não violassem a paz do império. A perseguição só acabaria totalmente no reino de Constantino.

Daquele tempo em diante, os cristãos tinham liberdade para adorar a Deus e propagar o evangelho a outras pessoas a fim de ganhá-las para Cristo. A antiga luta da igreja contra a perseguição permite-nos compreender a importância do conceito contemporâneo de separação entre Igreja e Estado. Só onde as pessoas têm a liberdade de conservar seus interesses particulares à parte dos públicos é que pode haver liberdade religiosa.

Lutando contra as heresias

A ameaça dos desvios legalista ou filosófico do cristianismo foi algo muito real na Igreja deste período. Em alguns casos, líderes superzelosos desenvolveram uma interpretação particular para corrigir males reais ou imaginários na igreja, chegando mesmo a seguir suas idéias heréticas até que resultassem em cismas e daí em novas seitas.

- *As heresias legalistas*: Alguém poderia pensar que a decisão do Concílio de Jerusalém, de deixar os gentios livres das exigências cerimoniais e ritualistas da lei judaica, para a salvação, tenha encerrado o problema. No entanto, grupos de ebionitas continuaram na Palestina e em regiões próximas por mais de dois séculos depois da supressão, pelas autoridades romanas, da rebelião dos judeus liderado por Bar Cochba, entre 132 e 136. Estas pessoas enfatizavam a unidade de Deus e de sua criação. Criam que a lei judaica era a maior expressão de Sua vontade e que continuava válida para o homem.

Para eles, Jesus era um homem que se tornou o Messias em virtude de ter cumprido fiel e completamente a lei. Seguiam, então, os ensinamentos do Evangelho de Mateus, mas rejeitavam os escritos de Paulo. Depois da destruição de Jerusalém pelos romanos em 135, eles perderam a sua influência, mas sua existência e suas crenças mostraram que a Igreja teve que lutar desde cedo pelo princípio de que somente a fé em Cristo justificava o indivíduo diante de Deus.

- *As heresias filosóficas*: O maior perigo para a pureza doutrinária

da fé cristã veio da filosofia grega. Mais gentios do que judeus se converteram ao cristianismo. Entre eles estavam muitos filósofos que queriam combinar cristianismo com filosofia, ou vestir a filosofia pagã com uma roupagem cristã. Vejamos algumas dessas filosofias:

1º) Gnosticismo: Foi a maior das ameaças filosóficas e chegou ao máximo de sua influência ao redor do ano 150. Suas raízes estão fincadas nos tempos do Novo Testamento. Paulo parece ter enfrentado uma forma incipiente de gnosticismo em sua carta aos colossenses. A tradição cristã associou a origem do gnosticismo com Simão, o Mago, a quem Pedro teve que repreender duramente. O dualismo era um dos principais fundamentos do gnosticismo. Os gnósticos defendiam uma separação entre o mundo material e espiritual, porque para eles a matéria estava sempre identificada com o mal e o espírito com o bem. Por isso, Deus não poderia ter criado este mundo material. A tarefa de Cristo era ensinar um *gnosis* ou conhecimento especial que ajudaria o homem a se salvar por um processo intelectual. O gnosticismo ainda fomentou um orgulho espiritual com sua sugestão de que apenas uma elite aristocrática alcançaria os favores de habitar com Deus nos céus. Não havia lugar para o corpo humano na vida futura.

2º) Maniqueísmo: Com alguns pontos semelhante ao gnosticismo, foi fundado por um homem chamado Mani ou Maniqueu (c. 216-276), da Mesopotâmia, que desenvolveu seu peculiar sistema filosófico em meados do terceiro século. O maniqueísmo defendia que a alma do homem relacionava-se com o reino de luz, mas seu corpo levava-o a depender do reino das trevas. A salvação era uma questão de liberar a luz em sua alma da escravidão à matéria de seu corpo. A elite ou os perfeitos constituíam a casta sacerdotal para este grupo. Viviam asceticamente e cumpriam certos ritos essenciais à liberação da luz

3º) Neoplatonismo: Viam o Ser absoluto como a fonte transcendental de tudo e achavam que tudo foi criado por um processo de emanção. Este transbordamento ou emanção resultou na criação final do homem como alma e corpo pensantes. O objetivo do universo era a reabsorção na essência divina de onde tudo viera. Os sentidos podem ser liberados do presente físico pela contemplação das obras naturais e artísticas; a razão alcança a liberdade pela manifestação do amor. A experiência de êxtase era o estado mais elevado a que se podia chegar nesta vida.

Alguns erros teológicos

Certas doutrinas surgiram como interpretações equivocadas ou ênfases exageradas do significado do cristianismo ou mesmo como movimentos de protestos. Prejudicaram, entretanto, o cristianismo, uma vez que muito da energia que poderia ser gasta na obra de evangelização foi e tem de ser dirigida para a tarefa de refutar estes erros. Vejamos dois exemplos:

1º) Montanismo: Surgiu na Frígia, no ano de 155, como uma tentativa da parte de Montano em resolver os problemas de formalismo na igreja e a dependência da igreja da liderança humana quando deveria depender do Espírito Santo. Infelizmente, como geralmente acontece com envolvimento desta natureza, ele caiu para o extremo oposto e concebeu fanáticas e equivocadas interpretações da Bíblia. No desenvolvimento de sua doutrina peculiar acerca da inspiração, Montano concebeu-a como imediata e contínua e se colocou a si mesmo como advogado através de quem o Espírito Santo falava à igreja, do mesmo modo que falara através de Paulo e dos outros apóstolos. O montanismo representou o protesto perene suscitado dentro da igreja quando se aumenta a força da instituição e se diminui a dependência do Espírito de Deus.

2º) Monarquianismo: Tinha zelo excessivo em destacar a unidade de Deus em oposição a qualquer tentativa de concebê-lo como três personalidades distintas. Eles estavam preocupados com uma afirmação do monoteísmo, mas acabaram se tornando uma forma primitiva de unitarianismo, que negava a divindade real de Cristo. O problema deles foi como relacionar Cristo a Deus.

Os Apologistas e Polemistas em defesa da fé

No segundo e terceiro séculos, a igreja exprimiu sua autoconsciência nascente numa forma literária nova – as obras dos Apologistas e dos Polemistas. Ao passo que os Pais Apostólicos escreveram apenas por e para os cristãos, escritores escreveram por e para o estado romano ou para os heréticos num esforço de convencê-los da verdade da Bíblia através de argumento literário.

1º) Os Apologistas: Procuravam convencer os líderes de estado de que os cristãos nada tinham feito para merecer a perseguição que lhes era

infringida. Tinham um objetivo negativo e positivo em seus escritos. Negativamente, queriam refutar as falsas acusações de ateísmo, canibalismo, incesto, preguiça e práticas anti-sociais atribuídas a eles por vizinhos e escritores pagãos. Positivamente, desenvolveram uma perspectiva construtiva para demonstrar que, ao contrário do cristianismo, o judaísmo, as religiões pagãs e o culto do estado, eram loucos e malévolos. Seus escritos, conhecidos como apologias, fizeram um apelo racional aos líderes pagãos e procuraram criar uma interpretação inteligente do cristianismo e assim revogar os dispositivos legais contra si. Estes homens, pintaram o cristianismo como a religião e filosofia mais antigas, uma vez que escritos como o Pentateuco tinham sido escritos antes das guerras troianas e que toda a verdade que se encontrasse no pensamento grego era superada pelo cristianismo ou pelo judaísmo.

Apologistas Orientais: Justino, filho de pais pagãos e nascido perto da cidade bíblica de Siquém, logo se tornou um inquieto filósofo em busca da verdade. Ele se interessou pela filosofia estoíca, pelas idéias de Platão e de Aristóteles, e filosofia numérica de Pitágoras. Até que um dia, passeando na praia, um velho senhor o encaminhou à Bíblia como a verdadeira filosofia e encontrou a paz por que tanto ansiava. Ele abriu uma escola cristã em Roma; Taciano, erudito oriental muito viajado e discípulo de Justino em Roma, escreveu uma obra conhecida como Discurso aos Helenos. Ele sustentou que já que o cristianismo é superior à religião e a filosofia gregas, os cristãos deviam receber melhor tratamento; Atenágoras foi o professor em Atenas e se convertera pela leitura da Bíblia. Escreveu uma obra intitulada Súplica pelos Cristãos, no qual ele refuta a acusação de ateísmo também feita aos cristãos ao demonstrar que os deuses pagãos eram simples criações humanas e culpados das mesmas imoralidades dos seus seguidores humanos; Teófilo de Antioquia que também se convertera pela leitura da Bíblia, escreveu a apologia A Autólico, que possivelmente era um magistrado pagão. Foi o primeiro a usar a palavra *trias* para a Trindade.

Apologistas Ocidentais: Tertuliano, conhecedor de grego e de latim, os clássicos lhe eram familiares. Fez-se um advogado competente, ensinou oratória e advogou em Roma, onde depois se converteu ao cristianismo. Defendeu o argumento que o estado está perseguindo a igreja à base de dúbios motivos legais, uma vez que as reuniões, as doutrinas e a moral dos cristãos são superiores as de seus vizinhos pagãos; Minúcio Félix, escreveu

um diálogo chamado Octavius. Esta foi uma apologia destinada a levar seu amigo Cecílio à fé cristã, abandonando portanto o paganismo.

2º) Os Polemistas: Empenhavam-se por responder ao desafio dos falsos ensinamentos dos heréticos, condenando veementemente esses ensinamentos e seus mestres. Paulo foi um polemista. Outros polemistas: *Irineu*, foi influenciado pela pregação de Policarpo quando este era bispo em Esmirna. Em 180, foi feito bispo de Gália. Bispo missionário bem sucedido, sua obra maior se desenvolveu no campo da literatura polêmica contra o gnosticismo; *A Escola Alexandrina*, foi para instruir os convertidos do paganismo ao Cristianismo. Os membros desta estavam ansiosos por desenvolver um sistema teológico a partir do uso da filosofia que, segundo eles, era capaz de permitir uma exposição sistemática do cristianismo. Educados na literatura e na filosofia clássicas, pensaram que poderiam usá-las na formulação da teologia cristã. Ao invés de enfatizarem uma interpretação histórico-gramatical da Bíblia, criaram um sistema alegórico de interpretação que ainda hoje assola o cristianismo. Este tipo de interpretação baseia-se na suposição de que a Bíblia tem mais de um sentido. Este método de interpretação causou muito mal à causa de interpretação correta da Bíblia e gerado absurdos e, até, doutrinas teológicas anti-bíblicas. Alguns que passaram por esta escola: *Clemente de Alexandria e Orígenes*; *A Escola Cartaginesa*. A mente ocidental ou latina estava mais interessada nos problemas práticos da organização eclesiásticas e da teologia, do que numa teologia do tipo especulativo que tanto motivou estudiosos do porte de Orígenes, por exemplo. Alguns que passaram por pela escola: *Tertuliano e Cipriano*.

A Igreja Cerra Fileiras

Foi no período entre 100 e 313 que a Igreja se viu forçada a pensar na melhor maneira pela qual poderia enfrentar a perseguição externa do estado romano e o problema interno do ensino herético e das conseqüentes divisões. Ela procurou cerrar fileiras através de três procedimentos: o desenvolvimento de um Cânon do Novo Testamento, que resultou num livro que seria autoridade para a fé e para a vida; a criação de um Credo, que forneceu uma declaração de fé também abalizada, e a obediência aos bispos monárquicos, entre os quais os de Roma que tomou logo a liderança. O bispo era uma espécie de garantia da unidade na constituição da

Igreja. Por volta de 170, a Igreja chamava-se “católica” ou universal, um termo usado pela primeira vez por Inácio em sua epístola à Esmirna.

O bispo monárquico

A necessidade de uma liderança para enfrentar os problemas da perseguição e da heresia foi uma necessidade prática que acabou por ditar o aumento do poder do bispo. O desenvolvimento da doutrina da sucessão apostólica e a crescente exaltação da Ceia do Senhor foram fatores fundamentais neste aumento de poder. O argumento inicial e mais importante, apresentado desde cedo na história da igreja, foi o de que Cristo deu a Pedro, presumivelmente o primeiro bispo de Roma, uma posição de primazia entre os apóstolos em função da sua suposta designação como a rocha sobre a qual edificaria a Sua igreja (Mt. 16:18). Entretanto, Pedro mesmo em sua primeira carta deixa cristalivamente claro que, não ele, mas Cristo era o fundamento da igreja (I Pe 2:6-8). Paulo também não reconhecia, que o apostolado de Pedro, tinha posição de superioridade, tanto que não hesitou em repreendê-lo quando este contemporizou e cooperou com os judaizantes na Galácia.

Apesar destes fatos, a Igreja Romana insistia desde tempo antigos que Cristo deu a Pedro um lugar especial de primeiro bispo de Roma e líder dos apóstolos. O prestígio histórico de Roma como a capital do império levou a uma natural elevação da posição da igreja da capital. Tinha ela a reputação por sua firme ortodoxia na luta contra a heresia e as divisões. Embora todos os bispos fossem iguais, honra especial deveria ser dada ao bispo romano encarregado da cadeira de São Pedro. Esta primazia foi depois desenvolvida para uma supremacia como Papa da Igreja.

O desenvolvimento da regra da fé

O papel do bispo como uma garantia da unidade da igreja foi reforçado pelo desenvolvimento de um Credo. Um Credo é uma declaração de fé para uso público. O Credo dos Apóstolos é o mais antigo sumário das doutrinas essenciais da Escritura que possuímos. Alguns pensam que o Credo dos Apóstolos surgiu da declaração abreviada de Pedro sobre Cristo em Mateus 16:16 e que foi usado como fórmula batismal desde cedo. Este credo, claramente trinitariano, dá atenção à pessoa e à obra de cada uma das três pessoas da Trindade. Muitas igrejas até hoje consideram o Credo dos

Apóstolos como uma preciosa síntese dos pontos principais da fé cristã.

O cânon do Novo Testamento

O cânon, surgiu como um reforço à garantia da unidade centralizada no bispo e à fé expressa num credo. As pessoas, equivocadamente, supõem que o cânon é uma listra de livros sagrados vindo diretamente dos céus ou, ao contrário, imaginam que o cânon foi estabelecido pelos concílios eclesiásticos. Não foi assim, pois os vários concílios que se pronunciaram sobre o problema do cânon do Novo Testamento apenas os tornavam públicos, porque, como ainda se verá, tinham já sido aceitos amplamente pela consciência da igreja. O maior teste do direito de um livro estar no cânon era se ele tinha sinais da apostolicidade, se foi ele escrito por um apóstolo ou por alguém ligado intimamente aos apóstolos, como Marcos, o autor do Evangelho de Marcos, que contou com a ajuda do apóstolo Pedro. A eficácia do livro na edificação quando lido publicamente e sua concordância com a regra de fé serviam de testes também. Na análise final, o que contava para a decisão sobre que livros deviam ser considerados canônicos e dignos de serem incluídos no Novo Testamento era a verificação histórica de sua autoria ou influência apostólica ou a consciência universal da igreja dirigida pelo Espírito Santo.

A Liturgia

A ênfase sobre o bispo monárquico que, como se cria, derivava a sua autoridade da sucessão apostólica, levou muitos a verem nele o centro da unidade, o depositário da verdade e o despenseiro dos meios da graça de Deus através dos sacramentos. A Ceia do Senhor e o Batismo tornaram-se ritos que somente poderiam ser dirigidos por um ministro credenciado. Ao se desenvolver a idéia da Ceia como um sacrifício a Deus, fortaleceu-se a santidade superior do bispo comparado com os membros comuns da igreja. O batismo como ato de iniciação à Igreja Cristã tinha lugar geralmente na Páscoa ou Pentecoste. Parece que, de início, a fé em Cristo e o desejo de ser batizado eram os únicos requisitos, mas, ao final do segundo século, acrescentou um período probatório como catecúmeno a fim de provar a realidade da experiência do convertido. O batismo geralmente era por imersão; às vezes, por afusão ou aspersão. O batismo infantil, que Tertuliano criticava e Cipriano apoiava, e o batismo clínico

(de doentes) surgiram neste período. A igreja logo cercou os sacramentos da Ceia do Senhor e do batismo com exigências e ritos que só o sacerdote podia executar.

O surgimento de um ciclo de festas no ano eclesiástico é também deste período. A Páscoa, nascida da aplicação da páscoa judaica, parece ter sido a primeira destas festas. Só depois de 350, o Natal foi aceito como uma festa cristã e, então purificado dos elementos pagãos que o compunham. A quaresma, um período de 40 dias, anteriores a Páscoa, de penitência e contenção dos apetites da carne, foi aceita como parte do ciclo litúrgico das Igrejas depois da adoção do Natal.

A supremacia da Igreja Católica Imperial (313 a 590 d.C.)

Apesar dos problemas externos criados pela perseguição pelo Estado, e da ameaça de dissensão e divisão por causa da heresia, a igreja a tudo superou com galhardia. Sua estreita associação com o estado romano neste período causou-lhe mais problemas do que a perseguição. Também neste período se deu o início a Idade das Trevas, em que as tribos bárbaras teutônicas afluíram em massa para a Europa Ocidental. O declínio do Império Romano impôs à igreja a tarefa de conservar a cultura heleno-hebraica, a qual estava ameaçada de destruição; e, a levar o evangelho aos povos que formavam os contingentes de nômades bárbaros. Nisto ela foi bem sucedida, conseguindo, através do empenho dos monges missionários, conquistar as tribos para a fé cristã. Todavia, durante o processo de preservar a cultura e converter os bárbaros, a igreja perdeu muito de sua força espiritual, em parte devido à secularização e à ingerência do Estado em seus negócios. O desenvolvimento institucional e a doutrina foram negativamente afetados.

A Igreja e o Estado

Para compreender as relações entre a Igreja e o Estado após a concessão de liberdade de religião por Constantino, se faz necessário relatar os problemas enfrentados pelo imperador antes desta época. A anarquia entre 133 e 31 a.C. que arruinou a república romana, terminou no reinado de Augusto. Nesse período o imperador dividia o poder com o Senado, mas

esse regime, logo mostrou-se fraco para superar o desafio do declínio interno e da presença dos bárbaros nas fronteiras do império. Entre 192 e 284 d.C., aconteceu um outro século de revolução e dificuldades para o império romano. Em 285, Diocleciano reorganizou o império em bases mais aristocráticas, numa tentativa de garantir a cultura greco-romana. Como o cristianismo parecia ameaçar esta cultura, Diocleciano fez uma fracassada tentativa de destruí-lo entre 303 e 305.

Quando Constantino, chegou ao poder depois de Diocleciano, compreendeu que o Estado não podia destruir a igreja pela força, o melhor seria usá-la como um aliado para salvar a cultura clássica. O processo pelo qual a Igreja e o Estado chegaram a um acordo começou quando Constantino conseguiu o controle completo do Estado.

Constantino era o filho ilegítimo do líder militar Constâncio com uma bela mulher livre cristã do Oriente, de nome Helena. Numa batalha, em 313, ele teve uma visão de uma cruz no céu, com as seguintes palavras em latim: “com este sinal, vencerás”. Embora a visão possa ter ocorrido, é evidente que o favorecimento da igreja por Constantino foi um expediente seu.

Em 313, ele garantiu a liberdade de culto pelo Edito de Milão. Nos anos seguintes, promulgou outros editos, que tornavam possíveis a recuperação das propriedades confiscadas, o subsídio da Igreja pelo Estado, a isenção ao clero do serviço público, a proibição de adivinhações e a separação do “Dia do Sol” (Domingo) como um dia de descanso e culto. Ele tomou uma posição teológica no Concílio de Nicéia, em 325, quando arbitrou a controvérsia ariana. Além disso, garantiu a liberdade e favores para a igreja, mas a submeteu ao serviço do império.

Em 330, Constantino, fundou a cidade de Constantinopla. Este ato ajudou a dividir o Oriente do Ocidente. Constantinopla tornou-se o centro do poder político no oriente. Com isso no ocidente, o bispo de Roma foi deixado com maior poder político além do espiritual.

Os filhos de Constantino continuaram sua política de favorecimento da igreja. Em 361, houve um retrocesso com a ascensão de Juliano ao trono imperial. Ele retirou da Igreja Cristã os privilégios e restaurou a liberdade plena do culto, facilitando o avanço da filosofia e da religião pagã. Depois de Juliano, os reis seguintes voltaram a assegurar os privilégios da Igreja, até que o imperador Graciano renunciou ao título de

Pontifex Maximus, e Teodósio I, em 380, promulgou um edito tornando o cristianismo a religião exclusiva do Estado. Em 392, o Editto de Constantinopla estabeleceu a proibição do paganismo. E em 529, Justiniano determinou o fechamento da escola de filosofia de Atenas.

Reverendo os caminhos da transformação do cristianismo, da seita de poucos seguidores em religião oficial do poderoso Império Romano, pode-se concluir que, com a vantagem da perspectiva do tempo, esta vitoriosa marcha foi prejudicial à igreja. É verdade que o cristianismo elevou o nível moral da sociedade ao ponto de: a dignidade da mulher ser conhecida na sociedade, os espetáculos de gladiadores serem abolidos, os escravos receberem melhor tratamento, a legislação romana tornar-se mais justa e o avanço da obra missionária ter aumentado. A igreja percebeu entretanto, que embora uma associação com o Estado lhe trouxesse benefícios, isto lhe traria também muitas desvantagens. O governo, em troca dos privilégios, da proteção e da ajuda que oferecia, achava-se no direito de interferir em assuntos espirituais e teológicos. O longo conflito entre Igreja e o Estado começa aí. Infelizmente a igreja ganhou poder mas se tornou uma arrogante perseguidora do paganismo do mesmo modo que as autoridades religiosas pagãs tinham agido em relação aos cristãos. Parece que no balanço final, a aproximação entre Igreja e Estado trouxe mais malefícios do que benção à Igreja Cristã.

O desenvolvimento doutrinário na era conciliar

Entre 313 e 451, as controvérsias teológicas resultaram em concílios que tentaram resolver as questões em disputa através da formulação de Credos. Esses concílios fizeram grandes formulações universais como os credos niceno e atanasiano. Neste período, estabeleceram-se os principais dogmas da Igreja Cristã.

Os dogmas ou doutrinas formuladas neste período foram o resultado de pensamentos e pesquisas demorados por parte dos cristãos no afã de interpretar corretamente o significado da Bíblia na questões disputadas e de evitar as opiniões errôneas dos filósofos. O método adotado pela igreja para resolver as diferenças fundamentais de interpretação sobre o significado da Bíblia foi a realização de concílios ecumênicos ou universais, geralmente convocados e presididos pelo imperador romano. Houve sete concílios que representaram a Igreja Cristã toda. Os grandes líderes da igreja

de todas as partes do Império representaram suas respectivas regiões e participaram na busca de solução para os problemas teológicos que preocupam os cristãos nesta época.

Em 318 ou 319, Alexandre, o bispo de Alexandria, discutiu com seus presbíteros “A Unidade da Trindade”. Um dos presbíteros, Ário, acabou concebendo uma doutrina que recusava a verdadeira divindade de Cristo. A controvérsia cresceu tanto que Constantino, não conseguindo resolver o problema com cartas convocou então, um concílio dos bispos da Igreja a fim de encontrar uma solução para a controvérsia.

Este concílio se reuniu em Nicéia no começo do verão de 325. 300 bispos da Igreja estiveram presentes, embora nem 10 fossem da porção oriental do Império. O imperador presidiu o Concílio e custeou suas despesas. Pela primeira vez, a igreja encontrava-se dominada pela liderança política do chefe do Estado. A ortodoxia teve uma vitória temporária em Nicéia, com a afirmação da eternidade de Cristo e a identidade de sua substância com o Pai.

Os anos entre 325 e 381 foram marcados pelo ódio e pela briga, entre ortodoxos e arianos. No Concílio de Constantinopla em 381 estabeleceu-se no cânon 1 de suas decisões que a fé dos 381 pais de Nicéia “não deveria ser abandonada mas deveria permanecer como a correta”. O presente Credo Niceno, foi aprovado em Calcedônia, em 451. Este credo, o Credo dos Apóstolos e o Credo de Atanásio são os três grandes credos universais da Igreja. Nicéia custou à Igreja a sua independência, pois a igreja tornou-se imperial desde esta época e a partir daí foi cada vez mais sendo dominada pelo imperador. A igreja no ocidente foi capaz de se livrar do domínio do Estado, mas a igreja no oriente jamais se livrou deste domínio político.

Os pais da Igreja

Entre os Concílios de Nicéia (325) e de Calcedônia (451) vários dos mais capazes Pais da Igreja Cristã desempenharam o seu ministério. Procuraram eles estudar a Bíblia em bases mais científicas a fim de desenvolverem melhor a teologia cristã. Devido à força cristalina de suas obras e de suas influências sobre a Igreja de sua época, Agostinho foi o maior desses pais.

A) Pais Pós-Nicenos do Oriente: Os pais da parte oriental da igreja

pertenceram àquilo que deve ser chamado de escolas alexandrina e antiocana de interpretação. Homens como Crisóstomo e Teodoro seguiram a escola antiocana. Eles enfatizavam o estudo histórico-gramatical da Bíblia e evitaram a tendência alegorizante praticada pelos seguidores da escola alexandrina, ainda influenciados por Orígenes. Vejamos alguns exemplos: *Crisóstomo* (347-407), expositor e orador, nasceu por volta de 245 numa rica família da aristocracia de Antioquia. Foi instruído nos clássicos gregos e na retórica, o que lhe deu bases para sua excelente capacidade de falar. Por algum tempo, praticou a advocacia, mas após seu batismo em 368 fez-se monge. Era extremamente asceta (pessoa que se entrega inteiramente aos exercícios espirituais e as penitências) em sua ênfase sobre a simplicidade de vida. A maioria de suas homilias ou sermões são exposições das Epístolas de Paulo;

Teodoro (350-428), exegeta e interpretador da Bíblia, foi chamado de “o príncipe dos exegetas antigos”. Ele não aceitava o sistema alegórico de interpretação e propunha uma compreensão que levasse em conta a gramática e a formação histórica do texto a fim de descobrir o sentido que o autor quis dar. Deu uma atenção especial ao contexto imediato e remoto do texto; *Eusébio* (265-339), historiador da Igreja, é um dos pais da igreja mais amplamente estudado por todos os méritos e merecedor do título de Pai da História da Igreja. Sua maior obra é a História Eclesiástica, um panorama da história da igreja dos tempos apostólicos até 324. Seu propósito era fazer um relato das dificuldades passadas pela igreja ao fim deste longo período de luta e começo de uma era de prosperidade.

B) Pais Pós-Nicenos do Ocidente: Os pais da Igreja Ocidental neste período sobrepujaram em muitos campos os do oriente. A tradução da Bíblia e dos escritos dos filósofos pagãos, junto com a produção de tratados teológicos integra o todo de sua obra. Vejamos alguns exemplos: *Jerônimo* (340-420), comentarista e tradutor, natural de Veneza, foi batizado em 360. A sua maior obra foi uma tradução latina da Bíblia conhecida como Vulgata. Em 388, ele tinha completado a revisão do Novo Testamento latino cuidadosamente cotejado com o grego. Ele se serviu do grego da versão Septuaginta do Antigo Testamento. A versão da Bíblia feita por Jerônimo tem sido amplamente usada pela igreja ocidental e tem sido, até recentemente, a única Bíblia oficial da Igreja Católica Romana desde o Concílio do Trento; *Ambrósio* (340-397), administrador e pregador, demonstrou sua capacidade nos campos da administração eclesiástica, pregação e teologia. Falou contra os poderosos grupos arianos e não hesitou em se opor ao Imperador Teodósio. Embora suas exposições práticas da Bíblia tenham sido limitadas pelo uso do método alegórico, foi um pregador de talento. Sua pregação na catedral de Milão foi o instrumento para levar Agostinho ao conhecimento do cristianismo e resultou em sua

salvação. Possivelmente foi ele que introduziu o cântico de hinos e a salmódia antifonal na igreja ocidental; *Agostinho* (354- 430), filósofo e teólogo, aprendeu latim à força e odiou tanto o grego que jamais aprenderia para usar fluentemente. Em 386 aconteceu a crise de conversão. Meditando um dia num jardim sobre a sua situação espiritual, ouviu uma voz próxima à porta que dizia: “tome e leia”. Agostinho abriu sua Bíblia em Romanos 13:13,14 e a leitura trouxe luz para sua alma. Despediu sua concubina e abandonou sua profissão. Foi ordenado sacerdote em 391, e cinco anos depois bispo de Hipona. Ele foi apontado como o maior dos Pais da Igreja. Deixou mais de 100 livros, 500 sermões e 200 cartas. A formulação de uma interpretação cristã da história deve ser tida como uma das contribuições permanentes deixadas por este grande erudito cristão. Agostinho exalta o poder espiritual sobre o temporal ao afirmar a soberania do Deus que se tornou o Criador da história no tempo. É visto pelos protestantes como um precursor das idéias da Reforma.

O Monasticismo – A vida no confinamento

No período da gradual decadência interna do Império Romano, o monasticismo exerceu um forte apelo para muitos que prontamente renunciaram a sociedade em favor do claustro. Este movimento tem suas origens no século IV, quando leigos em números cada vez maior começaram a se ausentar do mundo. Ao final do século VI, o monasticismo tinham profundas raízes na igreja ocidental e oriental.

Vários fatores contribuíram para o surgimento do monasticismo dentro da igreja antiga. Um dos fatores mais importantes foi a influência filosófica - onde acreditavam que alguns textos bíblicos pareciam apoiar a idéia de separação do mundo. Determinadas tendências psicológicas também fortaleceram o desejo por uma vida monástica. Na última parte do século II e o século III teve início a desordem civil que se tornaria comum na história do final do Império, assim sendo, muitos trocaram a sociedade pelo mosteiro como forma de fugir desta realidade adversa. Um outro fator, foi o histórico. O número cada vez maior de bárbaros a abarrotar a igreja trouxe muitas práticas semi-pagãs para dentro dela, contra o que as almas puritanas se revoltaram. A crescente deterioração moral, especialmente entre as classes altas da sociedade romana, levou muitos a descreverem da reforma social. O monasticismo tornou-se um refúgio para

os que se revoltavam contra a galopante decadência dos tempos.

A evolução do monasticismo

O monasticismo começou quando muitos deixaram a sociedade para viver como eremitas. A santidade dos eremitas atraía a outros, que passavam a morar em cavernas próximas a eles e sob sua liderança. Pôde-se construir, então, um claustro para exercícios coletivos. No estágio final, surgiu a vida comunal organizada dentro do mosteiro.

No Oriente, um homem chamado Antônio é visto como o fundador do monasticismo. Aos 20 anos de idade, ele vendeu seus bens, deu dinheiro aos pobres e se retirou para uma solitária caverna para levar uma vida de meditação. Outro caso foi de Basílio de Cesaréia que depois de receber uma excelente educação em Atenas e Constantinopla, trocou aos 27 anos os progressos do mundo pela vida ascética. Ele deu um sentido mais útil e social ao espírito monástico, ao solicitar que os membros sob sua regra trabalhassem, orassem, lessem a Bíblia e praticassem boas obras.

No Ocidente, é creditada geralmente a Atanásio a introdução do monasticismo por ocasião do exílio momentâneo em Constantinopla. Mas, o líder incontestável do monasticismo ocidental foi Bento de Núrsia. Chocado com a vida pecaminosa de Roma, ele se retirou para viver como eremita numa caverna nas montanhas orientais de Roma por volta do ano 500. Em 529, fundou o mosteiro de Monte Cassino. Logo vários mosteiros estavam sob seu controle, seguindo seu plano de organização, trabalho e culto. O monasticismo constituiu-se numa das mais importantes regras da Idade Média. Levada à Inglaterra, Alemanha e França no século VII, tornou-se universal no tempo de Carlos Magno. Foi a regra-padrão no Ocidente até por volta do ano 1.000.

Os benefícios do monasticismo

Os mosteiros ajudaram a manter viva a erudição na Idade Média, entre 500 e 1000, quando a vida urbana praticamente desapareceu com a tomada do Império Romano pelos bárbaros. As escolas dos mosteiros davam educação de nível superior para os vizinhos desejosos de aprender. Os monges também se ocupavam em copiar manuscritos preciosos que preservaram para a posterioridade.

Os mosteiros eram um refúgio para os que precisavam de ajuda: os

que precisavam de hospitalização; os viajantes cansados tinham alimentação e repouso no albergue; e também os que estivessem fartos do mundanismo e das preocupações da vida. Alguns dos maiores líderes da igreja medieval, como Gregório VII, por exemplo, vieram dos mosteiros. O monasticismo contribuiu para o rápido desenvolvimento de uma organização hierárquica centralizada na igreja, isto porque os monges deviam obediência aos superiores que, por sua vez, obedeciam ao papa.

Os desenvolvimentos hierárquicos e litúrgicos

Entre 313 e 590, a igreja tornou-se a Igreja Católica Romana, em que o bispo de Roma tinha supremacia sobre os outros. O ritual da Igreja tornou-se também mais sofisticado.

O bispo romano

Na igreja primitiva, o bispo era considerado um dos muitos bispos iguais entre si em posição, autoridade e função. No período compreendido entre 313 e 590, o bispo romano passou a ser reconhecido como o primeiro entre os demais. Os acontecimentos históricos desta época cooperaram para intensificar a reputação do bispo de Roma. Roma fora o centro tradicional de autoridade para o mundo romano durante meio milênio e era a maior cidade ocidental. Depois que Constantino transferiu a capital do império para Constantinopla em 330, o centro de gravidade política oscilou de Roma para essa cidade. Isto deixou o bispo romano como a única pessoa forte em Roma durante muito tempo; o povo desta região passou a olhá-lo como líder temporal e espiritual caso uma crise lhe sobreviesse. A eficiente obra missionária de monges leais a Roma também fortaleceu a autoridade do bispo romano.

O progresso da liturgia

A união entre a Igreja e Estado, no reinado de Constantino e seus sucessores provocou a secularização da igreja. A vinda dos pagãos para a igreja através dos movimentos de conversão em massa, contribuiu para a paganização do culto quando procurou se adaptar à nova realidade, com o intuito de deixar à vontade estes bárbaros convertidos. A veneração de anjos, santos, relíquias, imagens e estátuas foi uma consequência lógica deste procedimento. A intimidade com o estado monárquico também de-

terminou uma mudança no culto, passando-se de uma forma democrática simples para outra mais aristocrática e colorida de liturgia, com uma clara distinção entre o clero e o laicato (leigo).

O domingo tornou-se o dia principal do calendário eclesiástico depois que Constantino estabeleceu que este seria um dia de culto cívico e religioso. A festa do Natal tornou-se uma prática regular em meados do século IV, adotando-se a data de dezembro anteriormente usada pelos adoradores de Mitra. Aumentou também o número de cerimônias que passariam a ter funções sacramentais: o casamento deveria ser considerado como um sacramento, segundo Agostinho; e, Cipriano sustentava que a penitência era algo vital à vida cristã.

A veneração a Maria, mãe de Jesus, desenvolveu-se rapidamente por volta de 590. A interpretação equivocada da Bíblia e a série de milagres atribuídos a Maria nos evangelhos apócrifos forjaram uma grande reverência por ela. A veneração dos santos surgiu do desejo natural da igreja em honrar aqueles que tinham sido mártires nos dias em que fora tão duramente perseguida pelo estado. Ademais, os pagãos estavam acostumados à veneração de seus heróis. Quando muitos deles vieram para a igreja, pareceu-lhes natural substituir os seus heróis pelos santos e lhes dar um status de semi-divindade. Durante este período surgiram uma hierarquia sacerdotal especial sob a liderança de um bispo romano, a tendência para aumentar o número de sacramentos e torná-los os meios principais da graça, além dos movimentos em prol da organização da liturgia. Estas coisas serviram para colocar os fundamentos da Igreja Católica Romano medieval.

A Igreja na Idade Média (600 a 1500 d.C.)

As trevas que se amontoavam sobre o cristianismo, iam-se tornando cada vez mais espessas à proporção que os anos iam passando, e no princípio do século VII a ignorância do clero e a superstição do povo eram extraordinárias. Quase toda a literatura que circulava entre o povo consistia nas mais extraordinárias lendas dos mártires e das vidas fictícias dos santos. Isto era lido com avidez, e em toda a parte se encontrava gente bastante supersticiosa e ignorante para acreditar. O orgulho e a avareza do clero, que até então eram próprios daquela ordem de gente, também se introduziu nos mosteiros, instituições estas que realmente deviam a sua existência aos es-

forços de homens piedosos e que deviam, por isso, escapar a estes males. Não deve contudo admirar-nos esta deplorável decadência que se observa de todos os lados, atendendo aos exemplos que davam os papas, cuja arrogância e impiedade pareciam aumentar dia a dia. A sua ambição era insaciável e não conhecia limites, e para conseguirem os seus fins, empregavam todos os meios, mesmos os mais vis.

O Bispo Universal - Período de 600 a 700 d.C.

Durante a primeira metade do século VII o usurpador Focas, que assassinara o imperador Maurício e se colocara no trono, teve um grande aumento de poder. Alguns anos antes, houvera entre os bispos rivais de Roma e Constantinopla, uma luta desesperada pela supremacia, e Focas para agradar aos italianos, que é claro, defendiam o seu próprio bispo, decidiu-se a favor do primeiro. Assim, pois, obteve, este, o título de “Bispo Universal”, por ordem do imperador; e o alicerce, sobre o qual todas as suas posteriores pretensões se acumularam, ficou firmemente estabelecido. Isto aconteceu quase no fim do século anterior, durante o pontificado de Gregório I.

Com a supremacia eclesiástica assim estabelecida, começaram os papas subseqüentes a voltarem a sua atenção para o alargamento temporal da Sé papal e a intriga política começou a ser um elemento familiar dos concílios do Vaticano.

Até ali o papa de Roma, embora fosse chamado Bispo Universal e, portanto, o ditador supremo da igreja, estava ainda sujeito ao poder civil, e a vontade arbitrária dos imperadores criava muitos obstáculos aos seus atos. Estavam sujeitos, assim como os sacerdotes e os mais humildes dos cidadãos, a serem levados perante as cortes civis de Roma, acontecimento que realmente teve lugar no ano 653, quando o papa Martinho foi condenado a exílio perpétuo.

Pouco importava à Sé de Roma se o evangelho estava sendo pregado ou pervertido, ou se as almas estavam nascendo de novo para a eternidade ou sendo levadas para o inferno de olhos vedados, contanto que fosse reconhecida a sua supremacia, e obedecessem cegamente aos seus desejos. Neste período, no ano de 612, surge Maomé, o falso profeta da Arábia. Seu maior pecado foi negar a divindade de Cristo.

Os exageros da idolatria - Período de 700 a 800 d.C.

A idolatria na cristandade aumentara de uma maneira assustadora que se entregava aos maiores excessos de superstição. Colocavam velas acesas defrente das imagens em muitas igrejas, o povo beijava-as e adorava-as de joelhos, e os padres queimava-lhe incenso, dando força ao erro popular de que elas faziam milagres. Durante o pontificado de Gregório I, Sereno, o bispo de Marselha, teve a coragem de proibir estes abomináveis usos, e destruiu bastantes imagens, mas logo depois, Gregório reprovou a sua atitude. Assim, por esse meio insidioso se permitiu que o mal progredisse. No ano 726, Leão III, imperador do oriente, empenhou-se contra a idolatria. A maneira como seu edito foi recebido mostrou de que modo o povo se opunha formalmente a esta obra de reformulação; e o resultado foi logo uma guerra civil.

A separação das Igrejas

A rebelião que se seguiu a favor das imagens foi abafada pelas medidas rápidas e sanguinárias do imperador, que autorizou uma perseguição. Mas os italianos olharam para aquele ato com horror e indignação, e quando receberam ordem para pôr o edito em prática no seu país levantaram-se todos, e declararam que a sua aliança com o imperador estava acabada. Assim teve lugar a separação final entre as igrejas latina e grega. O poder papal estava há muito a espera disto e viu que era chegada a ocasião e aproveitou o quanto pôde a revolta popular.

Excitado pela insolência do papa Gregório III, o imperador Leão armou uma esquadra e mandou-a para a costa da Itália, mas uma tempestade reduziu-a a tal estado que teve de voltar para o porto. Tanto o papa como o imperador morreram pouco depois, no ano 741, e esperava-se que tudo sossegasse. Mas não foi assim. As idéias iconoclastas (destruição de imagens religiosas) de Leão, passaram, assim como a sua coroa, para seu filho Constantino V, e a cruzada contra o culto das imagens continuou com o mesmo vigor durante o seu reinado de trinta e quatro anos. O imperador que lhe sucedeu no ano 775, Leão IV, também seguiu os mesmos princípios e política, mas o seu reinado foi de pouca duração. Este imperador foi assassinado por sua mulher, a imperatriz Irene, que tomou as rédeas do governo no ano 780, em nome do seu filho Constantino VI, que era então uma criança de dez anos. Foi este o sinal para uma mudança na política, e

a imperatriz, ligando-se com o papa, tomou logo as suas medidas para a restauração do culto às imagens, sendo este passo muito bem recebido tanto pelos padres como pelo povo.

Em 787 foi convocado um Concílio em Nicéia (o sétimo e último concílio geral segundo a igreja grega), e foi resolvido que “como a venerável e vivificante cruz, fossem levantadas as veneráveis e santas imagens...”.

A decadência espiritual da época

A maior parte do clero, sem exceção dos bispos, vivia num estado de letargia espiritual e fraqueza viciosa; na verdade, o bispo supremo, o papa de Roma, era quem praticava mais iniquidades, como os seus próprios historiadores as contam, e mostram como, infelizmente, eles iam descendo para a grande apostasia, desde o século IV. Mas indicar a quinquagésima parte das irregularidades e monstruosidades que provinham do trono papal, seria impossível. Os bispos em muitos casos não eram em nada melhores do que os papas. Em lugar de olharem pelo rebanho de Deus, eram notáveis pela sua avareza, que muitas vezes os levava a cometer os maiores excessos de crueldade e extorsão. Os padres eram acusados de se apoderarem dos bens dos outros, e de ridicularizarem aqueles que procediam de um modo humilde e casto. Mesmo quando entre eles existia algum zelo religioso, era geralmente numa causa inútil; e frequentemente se levantavam questões fúteis, até que o espírito de polêmica ficava bastante irritado. Este estado de coisas era na verdade triste, mas ainda havia de se tornar mais triste. Era apenas o principio da época das trevas.

A Idade Média - Período de 800 a 1000 d.C

Não podemos deixar de sentir uma certa tristeza ao pensarmos num período da história da igreja tão tenebroso como esse, contudo, alegrar-nos podemos recordar que, apesar do desenvolvimento por toda a parte das trevas, o evangelho nunca deixou inteiramente de brilhar. Nesse período as trevas eram tão espessas que facilmente se podiam sentir. O quanto eram maus podemos ver pelos testemunhos contemporâneos, e pelas decisões dos concílios. No Concílio de Paiva, no ano 850, foi necessário ordenar sobriedade aos bispos, e proibi-los de conservar “cães e falcões

para a caça, e de terem vestimentas ricas, simplesmente para fazerem vista”. Em dois concílios separados levantou-se a queixa de que o clero inferior tinha mulheres em casa, e que os presbíteros se tornavam em meirinhos e freqüentavam as tabernas, e não se envergonhavam de se entregarem ao vício e à embriaguez.

Quanto aos papas, basta dizer que um deles, Estevão VII, foi estrangulado, ocasionando a sua morte a seguinte observação: “Ele entrou no aprisco como um ladrão, e foi justo que morresse pelo cabresto”. Outro fato que se salientou nessa época foi a exposição em muitas igrejas de várias coisas vãs que, falsamente, diziam ter grande valor. Havia, por exemplo, uma pena da asa do anjo Gabriel, um bocado da arca de Noé, a camisa da bendita virgem, etc.

O clero ainda explorava a credulidade do povo por outros meios e a este período pertence à instituição do rosário e da coroa da virgem Maria. Além disto, era generalizada a crença absurda de que o arcanjo Miguel celebrava missa na corte do céu todas as segundas-feiras e o clero aproveitava a ignorância do povo, que enchia as igrejas dedicadas a São Miguel, a fim de obter a sua intercessão. Outra invenção dessa época foi a Doutrina da Transubstanciação. Procedeu de um monge chamado Pascásio. Ele asseverou que o pão e o vinho da eucaristia eram convertidos (transformados literalmente) no corpo e o sangue de Cristo, e fundou sua nova doutrina numa interpretação muito literal das palavras do Senhor: “Tomai! Comei! Isto é meu corpo”. Ora, dar a essa palavra tal sentido é um absurdo, e faz cair qualquer pessoa num labirinto de absurdos.

Ao aproximar-se o ano 1000 da igreja, aumentou-se o terror. Pela superstição do povo, apoderou-se de todos um tal pânico como de certo não se tinha visto até então. Não tinha, por ventura, o Senhor dito que depois de mil anos Satanás sairia da sua prisão, e andaria por toda a parte enganando as nações nos quatro cantos da terra? (Ap.20). É, em vista disto, muitos pensavam que o fim do mundo estava verdadeiramente próximo.

Um ermitão de Turígia chamado Bernhard, que, mal compreendendo estas palavras da Bíblia, tomou-as para seu tema, e saiu no ano 960 a pregar a aproximação do julgamento. Havia alguma aparência de verdade nesta doutrina e a ilusão influiu no ânimo dos supersticiosos de todas as classes. Inclusive os monges e ermitões pregavam a doutrina e, muito antes do ano começar, soava este grito terrível por toda a Europa. O povo encami-

nhava-se para a Palestina, deixando as suas terras e as suas casas, ou levando-as, como expiação dos seus pecados, às igrejas ou aos mosteiros. Os nobres vendiam os seus domínios, e até os príncipes e os bispos iam em peregrinação, preparando-se para o aparecimento do Cordeiro no Monte Sião. Um eclipse do sol e outros fenômenos no céu contribuíram para aumentar o terror geral, e milhares de pessoas fugiram das cidades para se refugiar nas covas e cavernas.

Por fim começou o último dia do terrível ano. Quando chegou a noite, poucos eram os que estavam em condições de procurar as suas camas: os vestíbulos e pórticos das igrejas estavam apinhados de gente esperando ansiosamente e com medo esse julgamento tremendo. Foi uma noite sem sono para toda a Europa. Mas despontou o outro dia: o sol ergueu-se no firmamento como de costume e lançou o seu brilho sobre um mundo que não tinha acabado mas que estava cheio de fome; não havia sinais sinistros no céu, nem tremores na terra: tudo continuava como antes. O ano do terror tinha passado e o século onze da Era Cristã havia começado!

As Cruzadas - Período de 1000 a 1100 d.C

Já desde muito antes do tempo de Carlos Magno, era costume os bispos e abades serem sagrados pelos reis e imperadores. Entretanto, Henrique IV da Germânia, não estava disposto a perder este privilégio tão antigo, pela simples imposição de um padre de Roma. Esta recusa irritou o papa, e levou-o a ser conivente na ruína de Henrique. O papismo pouco ganhou com a luta de Gregório contra o imperador, e antes do fim do século o papa reinante achou conveniente recorrer a um novo expediente para promover os interesses temporais do papismo.

Depois de Gregório, Urbano II, que então ocupava a “cadeira de São Pedro”, promoveu uma grande guerra religiosa. Aproveitando que, de tempos em tempos, chegavam da Terra Santa queixas de insultos e ultrajes feitos a peregrinos que se dirigiam ao santo sepulcro, Urbano II, imaginou que, se pudesse envolver a Europa toda em uma guerra religiosa e privasse os diferentes países dos seus melhores soldados, ser-lhe-ia fácil dar um impulso às suas pretensões temporais, como até então nenhum papa conseguira dar, visto que os barões turbulentos e os príncipes poderosos estariam ausentes dos seus países e não haveria ninguém que lhe pudesse fazer oposição.

Em vista disto prestou toda a atenção às queixas de um dos principais instigadores da nova agitação, um tal Pedro, ermitão de Amiens, e animou-o muito a pregar uma cruzada. Os seus apelos calorosos causaram ora medo, ora indignação aos seus ouvintes, e produziram rapidamente o efeito desejado. “Por que se há de permitir aos infiéis”, exclama ele, “que conservem por mais tempo a guarda de territórios cristãos, tais como o Monte das Oliveiras e o Jardim de Getsêmani? Por que hão de os adeptos de Maomé, os filhos da perdição, manchar com seus pés hostis a terra sagrada que foi testemunha de tantos milagres, e que ainda hoje, fornece tantas relíquias com manifesto poder sobre humano? Estão ali prontos para ser ajuntados e guardados pelo fiel sacerdote que fosse à testa da expedição, ossos de mártires, vestimentas de santos, pregos da cruz, e espinhos da coroa. Que o chão de Sião seja purificado pelo sangue dos infiéis massacrados”.

As cruzadas foram um total de oito e perduraram por muitos anos, desde seu início em 1095 e se estendeu até 1291, quando terminou com a queda de Acre, para os muçulmanos. As cruzadas deixaram importantes conseqüências políticas e sociais na Europa Ocidental.

A Inquisição - Período de 1220 a 1300 d.C.

Foi marcado pelo início da Inquisição, que se resume numa caçada da igreja aos seus próprios membros que de alguma forma negavam a supremacia do papa, a autoridade do clero e os sete sacramentos. Aos olhos da igreja não poderia haver maiores criminosos que estes, os quais deveriam pagar com a vida. Foi sob esta ótica que se estabeleceu o mais medonho dos tribunais terrestres, a Inquisição, que a princípio funcionavam secretamente, mas em 1229 foi reconhecida publicamente a sua utilidade para o fim de descobrir hereges; sendo dado a esses tribunais poderes para darem buscas em todas as casas, edifícios e sujeitar os “suspeitos” a todo e qualquer exame que julgassem necessário.

A origem das revoltas - Período de 1324 a 1500 d.C

As atitudes tomadas pela igreja, conforme tratamos no final do texto anterior, ou seja, o estabelecimento da Inquisição como meio de silenciar os protestos contra os abusos do clero, deram origem a duas revoltas que a igreja não pôde reprimir, encabeçadas por João Wycliffe na Inglaterra e João Huss na Boêmia. Ambas aconteceram nos séculos XIV e XV.

A Revolta de João Wycliffe - Inglaterra

O espírito de amor cívico que se vinha desenvolvendo na Inglaterra, preparou o caminho para a obra de Wycliffe. Quando ele entrou em luta contra o papado em 1375, já a Inglaterra houvera resistido à influência papal nos negócios da Igreja Inglesa. Durante setenta e cinco anos, através de seus reis, seu parlamento e seus bispos, a Inglaterra já vinha desafiando o papa.

João Wycliffe, era famoso como o homem mais culto e mais destacado na Universidade de Oxford. Era também padre de uma pequena cidade da Inglaterra quando adquiriu a simpatia do povo pobre. Seu primeiro levante foi contra o direito que o papa alegava ter, de cobrar impostos na Inglaterra. Denunciou publicamente o papado e toda a organização clerical e refutou as doutrinas da Igreja Medieval. Por causa do que ensinava contrário à vontade do papa, foi condenado por um concílio eclesiástico. Mas ele não calou-se. Pelo contrário, fez um grande apelo ao povo inglês através de cartas escritas em linguagem simples e ao alcance de qualquer pessoa por mais simples que fosse. Mas, o seu maior trabalho mesmo, foi a tradução da Bíblia latina (a Vulgata) para a língua inglesa. Foi assim que Wycliffe e seus companheiros abriram a Bíblia para o povo inglês. Estes, vestidos de roupas simples, descalços, de cajado na mão, dependendo de esmolas, percorreram toda a Inglaterra, conduzindo os manuscritos de Wycliffe e pregando o Evangelho.

A Revolta de João Huss - Alemanha

Os ensinamentos de João Wycliffe, dado a penetração que tiveram, ultrapassaram as fronteiras da Inglaterra para dar origem a outro movimento de protestos ainda mais contra a igreja papal, movimento esse liderado por João Huss. Dotado de elevada cultura, respeitado e querido pelo povo, Huss mostrou-se um líder eficaz. Notabilizou-se como o maior pregador da cidade de Praga, onde se tornou o porta-voz nacional dos anseios políticos e religiosos de incentivo à conquista da liberdade.

De posse dos livros de Wycliffe, Huss prazerosamente absorveu-lhe as idéias, defendendo o direito de ensinar as verdades de Cristo sem depender do dogmatismo papal. Isto levou-lhe a entrar em choque frontal com os líderes fiéis ao papado. Como insistisse em desafiar o papa, foi excomungado em 1412. O julgamento de João Huss em Constança foi u-

ma farsa vergonhosa. Protestando sua fidelidade a Cristo, e rejeitando a liberdade que lhe era oferecida em troca da retratação de sua fé e maneira de crer nas Escrituras, foi condenado à fogueira, em Constança, onde sofreu martírio.

O ódio e a revolta dos boêmios pelo martírio do seu grande herói nacional, não teve limites. Dentre eles surgiu um grande partido que iniciou a guerra pela independência da Boêmia. Nessa peleja derrotaram o imperador alemão, devastaram parte da Alemanha e perturbaram grandemente os negócios da Europa. Depois dessa revolta de caráter político, surgiram os “Irmãos Boêmios”, uma poderosa e influente organização religiosa da igreja, cuja ações empolgaram toda a Boêmia e a Moravia, como também algumas partes da Alemanha. Em outras partes da Europa o martírio de João Huss fortaleceu o espírito de revolta contra a igreja papal.

A chegada do Renascentismo

A renascença teve seu início na Itália e pelo menos três foram as influências que favoreceram seu aparecimento: 1) O enfraquecimento repentino dos dois poderes da Idade Média – o papado e o Império Romano; 2) O poder imperial que entrara em colapso no fim do século XIII; 3) A mudança do papado para Avinhão, na França, no começo do século XIV.

Era o despertar da humanidade de um sono quase que eterno! Todas as faculdades da natureza humana foram maravilhosamente despertada e todas as atividades humanas apresentaram substanciais progressos. O movimento renascentista foi ampliado com a grande invenção da imprensa por João Gutenberg, da Mogúncia/Alemanha, pelos idos de 1450. Esta arte espalhou-se com muita rapidez de sorte que muitos livros que eram propriedades de uns poucos, foram multiplicados e espalhados entre um número maior de pessoas. Nessa época, Cristóvão Colombo descobriu a América, e Pedro Álvares Cabral, o Brasil. O mais importante centro do Renascimento italiano foi Florença, se bem que influenciou muitas outras cidades.

Com o pontificado de Nicolau V (1447-1455), a renascença achou pela primeira vez, poderoso patrono no chefe da igreja, e Roma se tornou sua sede principal. A fundação da biblioteca do Vaticano se deve a ele. Esse e outros papas, representaram a renascença italiana em épocas diferentes; no entanto sob nenhum aspecto representaram também o espírito real de uma igreja que, para milhões, era fonte de conforto nesta vida e a espe-

rança no porvir. Nem mesmo esse papado representava a vida religiosa da Itália. Desse modo o renascimento só atingiu as classes cultas e superiores. Mesmo assim, o povo mais simples respondia aos apelos dos pregadores do evangelho e ao exemplo daqueles que consideravam santos, ainda que, infelizmente, poucas vezes com resultado permanentes, exceto em casos individuais. É também neste aspecto da renascença – renovação ou renascimento cultural- que encontramos uma preparação direta para o advento da reforma da religião.

A disseminação da língua grega contribuiu para que os homens lessem o Novo Testamento no original. E quando comparavam os belos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos com a vida da igreja que estava ao redor deles, muitos famosos humanistas se converteram, se transformando em destemidos reformadores. Isto foi o que se verificou principalmente na Alemanha, França e Inglaterra.

Nessa época a Bíblia adquiriu posição incomum na vida dos homens de cultura; e, na proporção que isso acontecia, a igreja papal caminhava para o maior flagelo de sua história- a Reforma.

EXERCÍCIO

1. ____ Uma das causas da perseguição aos cristãos era porque defendiam a igualdade entre todos os homens.
2. ____ Nero foi o imperador que iniciou a escalada de violência contra os cristãos.
3. ____ A perseguição só terminaria no reinado de Constantino.
4. ____ Os gnósticos defendiam uma separação entre o mundo material e o espiritual.
5. ____ O montanismo e o monarquianismo são exemplos de interpretações equivocadas do cristianismo.
6. ____ Os apologistas procuravam convencer s líderes de estado de que os cristãos nada tinham feito para merecer a perseguição.
7. ____ Os polemistas empenhavam-se por responder ao desafio dos falsos ensinos dos heréticos, condenando-os.
8. ____ O cânon surgiu como um reforço à garantia da unidade centralizada no bispo.

História da Igreja



CAPÍTULO 3



**A Reforma e a
Contra-Reforma**

A Extensão da Reforma de 1500 a 1648 d.C.



éculos XVI e XVII, foram marcados por grandes mudanças no cristianismo. Neste capítulo veremos essas mudanças através do estudo da Reforma. Também estudaremos neste período o movimento Contra-Reformista da Igreja Católica.

A Reforma

Alguns fatores tornaram inevitável a Reforma. Entre muitos, pode-se destacar: A relutância da Igreja Católica medieval em aceitar as mudanças sugeridas por reformadores sinceros como os místicos, Wycliffe e Huss, os líderes dos concílios reformadores e os humanistas; o surgimento das nações-estados, que se opuseram ao poderio universal do papa e a formação da classe média, que se revoltou contra a remessa de reservas para Roma. Sua fixação ao passado, clássico e pagão, indiferente às forças dinâmicas que estavam formando uma nova sociedade, a italiana, da qual o papado fazia parte, adotou uma forma de vida corrupta, sensual e imoral, embora ilustrada.

Um novo mundo em expansão

Por volta de 1500, os fundamentos da velha sociedade medieval estavam ruindo e uma nova sociedade, com uma dimensão geográfica muito ampla e com transformações nos padrões políticos, econômicos, intelectuais e religiosos, começava a surgir. A síntese medieval foi desafiada duran-

te a Reforma, em sua política, pela idéia que a igreja universal deveria ser substituída por igrejas nacionais ou estatais e igrejas livres. A sua filosofia escolástica, unida à filosofia grega, deu lugar à teologia bíblica protestante. Os sacramentos e as obras deram terreno à justificação pela fé somente.

A) Mudanças Geográficas: Em 1517 as descobertas de Colombo e de outros exploradores inauguraram uma era de civilização oceânica, em que os mares do mundo tornaram-se as estradas do mundo. Ao tempo em que Lutero traduzia o Novo Testamento para o alemão, em 1522, o navio de Magalhães completava a sua volta ao mundo. As rotas marítimas para as riquezas do Oriente Antigo eram já uma realidade. Países católicos romanos, como Portugal, Espanha e França, tornaram-se líderes nas navegações, enquanto as nações protestantes, como Inglaterra e Holanda, logo os alcançariam em exploração e colonização.

B) Mudanças Políticas: O conceito medieval de um estado universal estava dando lugar ao novo conceito de nação-estado. Estas nações-estados, com poder central e com governos fortes, servidas por uma força militar e civil, eram nacionalistas, opondo-se ao domínio de um governo religioso universal. A unidade política do mundo medieval foi substituída pelas nações-estados, todas empenhadas em sua independência e soberania. Diante da independência de cada estado, o novo princípio do balanço do poder, orientador das relações internacionais, tomou o seu lugar de importância das guerras religiosas do século XVI e XVII.

C) Mudanças Econômicas: Surpreendentemente, algumas mudanças econômicas ocorreram um pouco antes da Reforma. Durante a Idade Média, a economia dos países da Europa baseava-se na agricultura, sendo que fazia do solo a base da riqueza. Por volta de 1500, o ressurgimento das cidades, a abertura de novos mercados e a descoberta de fontes de matéria-prima nas recentes terras descobertas inauguram uma era de comércio, em que a classe média mercantil tomou a frente da nobreza feudal na liderança da sociedade. A classe média capitalista emergente não interessava o envio de suas riquezas à igreja universal sob a liderança do papa em Roma. Pelo menos no norte da Europa, esta reação influenciou a Reforma.

D) Mudanças Sociais: A organização social horizontal da sociedade medieval, onde se morria na classe em que se nascia, foi substituída por

uma sociedade organizada sob traços verticais. Era possível a alguém da classe baixa emergir à alta. Nos tempos medievais, quem fosse filho de servo teria pouquíssima chances de mudar de condição, exceto se fosse servir na igreja. A servidão estava desaparecendo e uma nova classe média, inexistente na sociedade medieval, formada especialmente por proprietários livres, pela pequena nobreza da cidade e pela classe mercantil começou a surgir. Em linhas gerais, foi essa classe média fortalecida que garantiu as mudanças introduzidas pela Reforma no noroeste da Europa.

E) Mudanças Intelectuais: As transformações intelectuais provocadas pelo Renascimento, criaram um clima intelectual que favoreceu o desenvolvimento do protestantismo. O interesse pela volta às fontes do passado levou os humanistas cristãos do norte ao estudo da Bíblia nas línguas originais. Deste modo, as diferenças entre a Igreja Primitiva e a Igreja Apostólica Romana tornaram-se claras, para prejuízo da organização eclesiástica, medieval e papista. A ênfase renascentista no indivíduo foi um fator preponderante no desenvolvimento do ensino protestante de que a salvação era uma questão pessoal, a ser resolvida pelo indivíduo em íntima relação com Deus, sem a interferência de um sacerdote como mediador humano. O espírito crítico do Renascimento foi usado pelos reformadores para justificar sua crítica à hierarquia e aos sacramentos, mediante comparação com as Escrituras. Embora o Renascimento na Itália tivesse contornos humanistas e pagãos, as tendências que gerou foram assumidas no norte da Europa pelos humanistas e reformadores cristãos e por eles usadas para justificar o estudo da Bíblia no original como documento básico da fé cristã.

F) Mudanças Religiosas: A uniformidade religiosa medieval deu lugar, no início do século XVI, à diversidade religiosa. A autoridade da Igreja Romana foi substituída pela autoridade da Bíblia, de leitura livre a qualquer um. Os padrões estáticos da civilização medieval foram substituídos pelos padrões dinâmicos da sociedade moderna. As mudanças no setor religioso não foram as menos importantes que ocorreram na civilização europeia ocidental.

Os Reformadores

O nome e o sentido dados à Reforma são condicionados pela visão do historiador. O católico romano entende-a apenas como uma revolta protestante contra a igreja universal. O protestante considera-a como uma refor-

ma que fez a vida religiosa voltar aos padrões do Novo Testamento.

A Reforma não se explica de forma tão simples, porque as suas causas são múltiplas e complexas. Ela tem causas derivativas e determinativas. As personalidades criativas de alguns líderes da Reforma, como Lutero, Calvino e outros, determinaram a direção tomada. Os líderes da Reforma Protestante saíram, em geral, da classe média, enquanto que os da Contra-Reforma vieram da aristocracia.

A) Martinho Lutero e a Reforma na Alemanha

João Huss, um dos mais famosos precursores da Reforma, no momento da sua execução, disse em alto e bom som: “Podem matar o ganso (na sua língua “huss” é ganso), mas daqui a cem anos surgirá um cisne que não poderão queimar”. Cem anos após ditas estas palavras, isto é, a em 1483, em Eisblen, na Saxônia, nascia Martinho Lutero.

Lutero teve um preparo religioso com base na piedade simples da família alemã da Idade Média, misturado de realismo e superstição características da era medieval. Na sua infância, foi profundamente religioso, mas sem exageros. O grande desejo do seu pai era vê-lo formado em Direito e, para tanto, com a idade de apenas dezoito anos, ingressou na mais famosa Universidade alemã- a de Erfurt. Levou quatro anos de estudos preliminares. Durante esse tempo, destacou-se como um moço estudioso, orador capaz, hábil polemista, amante da música e admirado pelos colegas.

Já estava preparado para iniciar sua vida profissional quando, de repente, para o espanto dos amigos e desapontamento do pai, tornou-se monge, entrando para o Convento dos Agostinianos, em Erfurt. Desejava a certeza da salvação mais do que qualquer outra coisa, e, com o propósito de alcançá-la empreendeu peregrinações aos locais indicados pela igreja, jejuns e sacrifícios que às vezes iam além do suportável por uma pessoa normal. No mosteiro, travou consigo mesmo uma grande guerra interior, pois não encontrava ali aquilo que esperava alcançar. Foi um monge de vida exemplar. Quanto mais ele tentava alcançar Deus de acordo com os ritos da igreja medieval, mais distante de Deus ele se sentia. Foi através do Evangelho que libertou-se de tanta angústia e terror espiritual. Ele era um ardente leitor da Bíblia, especialmente naquilo que se relacionava

com o seu ensino na Universidade.

- **Uma descoberta revolucionária:** No início do ano 1512, enquanto lia a Epístola de Paulo aos Romanos, Lutero encontrou a declaração revolucionária: “*O justo viverá pela fé*” (Rm 1.17). Estas palavras incendiaram-lhe a mente com vislumbres da verdade que procurava há tanto tempo. Descobriu que a salvação lhe pertencia, simples e unicamente por fé na obra que Cristo consumou na Cruz. E foi com o intuito de melhor compreender esta verdade, que empreendeu cuidadoso estudo das Escrituras, e das obras de grandes mestres cristãos, como Agostinho e Anselmo. Lutero tinha convicção da verdade que descobriu nas Escrituras e da magnitude das decisões que tomaria a partir daí na defesa da mesma. Essa experiência trouxe novo impulso à sua vida religiosa- impulso necessário ao seu trabalho de reformar a igreja que havia sido paganizada.

Por mais de quatro anos Lutero trabalhou em Wittenberg, decepcionado com a igreja mas sem romper com seus líderes. Nessa época, adquiriu projeção como um dos mais destacados líderes da sua Ordem. Ele tinha uma capacidade extraordinária de citar as Escrituras e aplicá-las às necessidades espirituais e morais do povo do seu tempo. As verdades recém-descobertas fizeram dele um pregador notável e dotado de evidente unção do Espírito Santo. Quanto mais ele falava das verdades bíblicas que descobria, mais claras elas se tornavam.

- **As indulgências:** Numa localidade próxima a Wittenberg, em 1517, apareceu um frade dominicano alemão enviado pelo arcebispo de Mogúncia para vender indulgências emitidas pelo papa de Roma. Indulgências era algo que, apresentadas como favores divinos, concedida aos homens, mediante os méritos do papa, pelo perdão dos pecados. As mesmas eram adquiridas em troca de dinheiro que, conforme os que as vendiam, seria usado na construção da Basílica de São Pedro, em Roma. Tendo chegado ao conhecimento de Lutero através do confessionário, ele convenceu-se de que o tráfico das indulgências estava desviando o povo do ensino de Deus e enfraquecendo seriamente a vida moral da Igreja. Foi então que decidiu enfrentar tão grande erro e abuso.

- **As noventa e cinco teses:** Lutero via as indulgências como um verdadeiro assalto aos poucos recursos do povo e completo desrespeito ao futuro eterno do povo alemão. Foi assim que, em outubro de 1517, quando grande multidão comparecia à igreja do castelo na cidade de Wittenberg,

para a festa de Todos os Santos, que ele afixou na porta da catedral, as suas noventa e cinco teses, denunciando o abuso gritante da venda das indulgências papais.

Ele acreditava que receberia o apoio do papa ao revelar os males da venda das indulgências. Inicialmente, o papa achou graça nas teses de Lutero, dizendo: “Um alemão embriagado escreveu-as”. Mas não tardou para que ele mesmo tivesse que mudar de idéia e começasse a agir contra esse “monge rebelde”. A primeira atitude do papa Leão X foi intimar Lutero a comparecer em Roma. Mas o caso foi resolvido mesmo na Alemanha, devido a intervenção do Eleito da Saxônia, que resolveu protegê-lo e não permitiu que ele fosse a Roma. Na frente dos enviados do papa, Lutero declarou que o papa não possuía autoridade divina e que os concílios eclesiais não eram infalíveis. Com essas declarações estava concretizado o rompimento de Lutero com a Igreja Romana. Ele agora estava no centro da batalha. Sua doutrina de salvação e justificação pela fé estava produzindo efeitos inimigáveis. Em 1520, Lutero revelou-se como um grande líder nacional, ao escrever o livro “A Nobreza Cristã da Nação Alemã”.

- *A excomunhão de Lutero*: Enquanto era publicado o livro acima, a bula de excomunhão de Lutero era promulgada. A bula obrigava Lutero e os simpatizantes da sua causa, a retratarem-se de suas “heresias” dentro de 60 dias, e ainda determinava que se eles não o fizessem seriam tratados como hereges, isto é, seriam presos e condenados à morte. As autoridades da igreja ordenaram ao povo que queimassem os livros de Lutero, ação que foi posta em prática primeiramente pelos legados do papa.

Do outro lado, em dezembro de 1520, em Wittenberg, Lutero, convidava os estudantes para assistirem a queima dos “livros maus dos decretos papais e dos teólogos escolásticos”. Diante de grande multidão de estudantes, professores, cidadãos de todas as classes, ele atirou à fogueira os livros e a bula que o ameaçava de excomunhão caso não se retratasse.

Em janeiro de 1521, o papa publicou a terrível sentença. Lutero foi excomungado e condenado a todas as penalidades conseqüentes da sua heresia. Mas, para que essa bula tivesse efeito legal, dependia da confirmação da Dieta do governo do Imperador Carlos V.

Lutero, partiu para Worms, mais antes, dá ordens acerca da continuação do trabalho, caso ele não voltasse mais. Durante a sua viagem, o

povo afluiu em massa para ver o grande homem que desafiava a autoridade do papa e foi acompanhado por uma grande multidão ao entrar na cidade. No dia seguinte foi levado perante o Imperador Carlos V, ao lado do qual se achavam o delegado do Papa, seis eleitores do império, vinte e cinco duques, oito margraves, trinta cardeais e bispos, e sete embaixadores, os deputados de dez cidades e grande número de príncipes, condes e barões. Sabendo que tinha de comparecer perante uma das mais imponentes assembleias de autoridades religiosas e civis de todos os tempos, Lutero passou a noite anterior em oração e vigília, prostrado com o rosto em terra lutou com Deus, chorando e suplicando.

No dia seguinte, ao transpor a porta, Lutero se viu perante a Dieta. Quando o porta-voz do papa exigiu que ele se retratasse perante a assembleia respondeu o Reformador: “Se não me refutardes pelo testemunho das Escrituras ou por argumentos – desde que não creio somente nos papas e nos concílios, sendo evidente que já muitas vezes se enganaram e se contradisseram uns aos outros – a minha consciência tem de ficar submissa à Palavra de Deus. Não posso retratar-me,”.

Os representantes do papa queriam que a sentença de morte contra Lutero fosse cumprida rapidamente, o que não aconteceu, porque o príncipe da Saxônia, simulando um seqüestro, enquanto Lutero voltava para Wittenberg, levou-o, ao castelo de Wartburgo. No castelo, Lutero passou muitos meses disfarçado; tomou o nome de cavaleiro Jorte, e o mundo o considerava morto. Contudo, no seu retiro, livre dos inimigos, foi-lhe concedida a liberdade de escrever, e o mundo logo soube, pela grande quantidade de literatura, que essa obra saíra da sua pena e que, de fato, Lutero vivia. Profundo conhecedor do grego e do hebraico, traduziu o Novo Testamento para a língua do seu povo, em apenas três meses. Poucos meses depois a obra estava impressa e nas mãos do povo. Contudo, a maior obra de toda sua vida, sem dúvida, fora a de dar ao povo alemão a Bíblia na sua própria língua.

B) Zwínglio e a Reforma Suíça

A suíça do século XVI era formado por um povo de espírito pátrio e amigo da democracia. Mas, como em outros lugares da Europa, a Igreja Suíça tinha sobre si o monopólio político dos governadores e as diretivas religiosas do papa de Roma. O povo não estava satisfeito com o que

vinha acontecendo, o que contribuiu para que a Suíça tomasse novos rumos políticos e religiosos com a nova concepção da vida resultante do Renascimento.

Zwínglio, graças a influência do tio que era pároco em Wildhaus, vila onde morava, conseguiu educação esmerada, tendo chegado a estudar em universidades famosas como as de Viena e de Basiléia. Teve como mestres, muitos homens tidos como grandes expoentes do pensamento renascentista, destacando-se o grande humanista Tomás Wyttenbach, que marcou-lhe a vida por ensinar-lhe a divina autoridade da Bíblia, a morte de Jesus Cristo como o preço único do perdão e a inutilidade das indulgências. Zwínglio tornou-se sacerdote, somente por haver outros clérigos na família.

- *Suas idéias evangélicas*: Em Glarus, Zwínglio teve a sua primeira paróquia. Foi aí que aprofundou-se nos estudos das Escrituras, à luz do ensino reformista. Depois, residindo como sacerdote em Einsiedeln, lugar onde iam muitos peregrinos, ficou profundamente triste e revoltado com o espírito idólatra e as superstições reinantes entre o povo daquela cidade, alimentadas pela Igreja Romana. Comparando essas práticas medievais com o ensino prático das Escrituras, ele inclinou-se gradualmente para as verdades do Evangelho. Em 1519, Zwínglio já era tido como pregador notável, pregou em Zurique, de onde sua fama se espalhou por toda a região. Por esse tempo, foi acometido de grave enfermidade que, em vez de fazê-lo esmorecer, aprofundou ainda mais sua vida religiosa.

Em 1522 publicou um livro através do qual falava abertamente dos motivos do seu afastamento da Igreja Romana. Por esse tempo, em virtude de distúrbios provocados pelos inimigos de Zwínglio, foi convocado o Concílio de Zurique, que se propunha pôr fim à controvérsia religiosa. Após demorado e caloroso debate, Zwínglio fez uma declaração de fé de acordo com os princípios fundamentais da Reforma: o sacerdócio universal de todos os cristãos. A sua declaração enfatizava principalmente: 1) Os homens são salvos por Deus por meio da fé em Cristo; 2) Exaltou a autoridade da Bíblia; 3) Atacou a autoridade do papa, a missa e o celibato do clero. No final do Concílio, a causa de Zwínglio era declarada vitoriosa e assim, a Suíça rompeu definitivamente com a Igreja Romana.

- *Diferenças entre Lutero e Zwínglio*: Grande esforço foi feito com o propósito de juntar luteranos e zwínglios de todo o interior da Alema-

nha e Suíça, com o propósito de formarem uma liga defensiva, contra possíveis ataques da igreja papal. Por essa razão fora marcada uma conferência entre os dois líderes, Lutero e Zwíngliano. Para a formação dessa liga, necessário se fazia que houvesse harmonia doutrinária entre ambos, o que não foi possível. Eles concordaram em catorze dos quinze artigos que definiam os assuntos básicos da fé cristã, mas diferiam na doutrina da Santa Ceia. Por um lado, Lutero defendia o princípio de que “o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo” eram recebidos pelos comungantes ao lado do pão e do vinho; do outro, Zwínglio defendia que o sacramento é um memorial da morte do Senhor e que a Sua presença é unicamente espiritual. Aqui teve início a primeira das grandes divisões do protestantismo nos ramos “Luterano” e “Reformado”. Embora não tivesse se destacado tanto quanto Lutero, Zwínglio foi visto também como um servo fiel e destemido, e um líder nobre e sábio que deu inspiração ao seu povo. Realizou um trabalho permanente para a causa do Cristianismo em seu país.

C) Calvino e a Reforma em Genebra (Suíça):

João Calvino nasceu em julho de 1509 na França. Teve a sua infância em dias que a Igreja Romana e suas credices tinham forte influência sobre o povo que se dispunha a crer em qualquer coisa absurda. Foi enviado a Paris quando tinha apenas quatorze anos de idade, para realizar os estudos preparatórios para a sua carreira eclesiástica. Cinco anos depois, o pai decidiu que o filho deveria estudar Direito. Depois do falecendo de seu pai em 1531, Calvino deixou o direito e resolveu seguir sua própria vocação: enveredar pela cultura das letras.

Ele declarou-se protestante em 1533 e, ao fim daquele ano, acompanhado de outros protestantes, teve de fugir de Paris em virtude de forte e violenta perseguição. Esteve por três anos em Basileia onde escreveu o livro *A Instituição Cristã*, pelo que foi honrado como um dos mais ilustres líderes do protestantismo. Esse livro era um tratado de teologia e declaração sistemática de verdade cristã sustentada e defendida pelos protestantes e destinado ao uso popular.

- *Início da reforma em Genebra*: Genebra era socialmente próspera, mas de baixo nível moral. Fazia pouco tempo que ali triunfara a Reforma sob a liderança do famoso pregador Guilherme Farel. A cidade conquistara sua independência numa guerra contra seu bispo que era também um se-

nhor feudal. Foi assim que, por um edital de 27 de agosto de 1535, a religião de Roma deixou de ser religião de Genebra. A Reforma chegou a Genebra de mãos dadas com a liberdade. Não obstante o muito que já tinha sido feito, Farel verificou que era apenas o início da luta e se considerava incapaz de continuar sozinho. Perplexo sobre o que fazer, foi informado de que Calvino estava em sua cidade naquela noite. Foi ao seu encontro e convidou-o a ficar em Genebra.

Calvino não demonstrou nenhum interesse em aceitar seu convite e alegou estar muito ocupado com seus estudos e pesquisas. Foi aí que, como num último e desesperador apelo, o velho pregador disse a Calvino: “Digo-te, em nome de Deus Todo-Poderoso, que estás apresentando os seus estudos como pretexto. Deus te amaldiçoará se não nos ajudares a levar adiante o Seu trabalho, pois doutra forma estarias buscando a tua própria honra em vez da de Cristo!”. O reformador cedeu e ficou. Diante do enfático apelo, Calvino mesmo confessou: “Senti... como se Deus tivesse estendido a sua mão do céu em minha direção para me prender... fiquei tão aterrorizado que interrompi a viagem que havia encetado...”.

Iniciadas as suas atividades, em pouco tempo o trabalho de Calvino resultou em desastre. Muita gente não estava com o coração predisposto à Reforma e a oposição dessa gente resultou na expulsão de Calvino e Farel. Saindo de Genebra, Calvino esteve por três anos em Estrasburgo, pastoreando uma igreja protestante de franceses exilados pelas perseguições. Enquanto isso as coisas em Genebra iam de mal a pior. Então o povo, que já conhecia a capacidade de Calvino, convidou-o a voltar a Genebra, apelo que ele atendeu sem relutância.

Por sua obra em Genebra, Calvino alcançou três benefícios para o Protestantismo em geral: 1) A vida moral da cidade; 2) Genebra foi transformada na cidade de refúgio para os perseguidos por causa da Reforma; e 3) Foi também um lugar de preparação para os líderes do Protestantismo. Foram preparados ministros devotados, instruídos, que se espalharam como missionários da Reforma, pelos países onde esta ainda não havia entrado. Muitos dos refugiados mais tarde voltaram aos seus países de origem.

D) Calvino e a Reforma na França:

Embora Calvino estivesse ausente da França há vinte e sete anos,

permanecia como líder da Reforma naquele país. Seus livros, principalmente *A Instituição Cristã*, eram espalhadas como relâmpago por todo o país, as quais eram aceitas e propagadas por humanistas franceses, que eram estudiosos das Escrituras. Mas quando os livros de Lutero começaram a circular na França, foi grande a perseguição levantada contra todos quantos defendiam os pontos de vista de origem reformista.

Em 1538 o rei Francisco I decidiu mover forte e incessante campanha contra o ensino reformado. Foi no ardor das perseguições que Calvino tornou-se o líder mais eficaz do movimento protestante no país, dirigindo-o através de cartas e por meio de jovens pregadores enviados de sua escola em Genebra. Não obstante o sangue derramado e muitos mortos, a Reforma espalhou-se por quase toda a França. Mas, só em 1559 foi organizada uma igreja protestante nacional.

- *Os Huguenotes*: O rápido crescimento da influência da Reforma na França, contribuiu para que dentro de pouco tempo, grande parte da aristocracia francesa fosse conquistada pela Reforma. Estes grandes nobres alguns príncipes de sangue real, não se submetiam facilmente à perseguição, e começaram a falar de uma revolta armada. Sob a liderança desses nobres, o movimento protestante tornou-se não somente um movimento que visava a expansão das verdades do Evangelho, mas igualmente uma luta contra o governo com o fim de alcançar a liberdade religiosa. Por essa atitude os protestantes franceses ganharam o nome de “Huguenotes”, esse foi a princípio um apelido dado aos protestantes pelos católicos romanos. A guerra rebentou em 1562, sendo os huguenotes comandados pelo almirante Coligny e o príncipe Conde. Ambos lutavam contra a tirania da rainha regente, Catarina de Médicis. Essa foi a primeira das oito “Guerras Religiosas” que durante mais de trinta penosos anos, quase arruinaram a França. O partido católico-romano estava decidido a lançar mão de todas as crueldades, como de fato o fez. Esse partido era dirigido pelos jesuítas e pelo rei Filipe II, da Espanha.

- *A noite de São Bartolomeu*: O espírito do partido católico-romano manifestou-se no horrível massacre de São Bartolomeu, em 1572. Num certo período de paz, muitos dos huguenotes dentre os mais nobres da França reuniram-se em Paris para as cerimônias de casamento de um dos seus líderes, Henrique de Navarra. Num ataque levado a efeito durante a noite, por ordem de Catarina de Médicis, milhares de huguenotes, inclusi-

ve o almirante Coligny e muitos outros líderes foram mortos. Rapidamente cerca de setenta mil protestantes foram mortos em toda a França. O papa de Roma enviou congratulações a Catarina e ambos se regozijaram pelo que fizeram aos protestantes. Apesar deste terrível golpe, os protestantes se reabilitaram e continuaram a luta até 1598 quando a guerra terminou com o célebre Edito de Nantes, que concedeu ao protestantismo um pouco mais de tolerância.

E) Guilherme Orange e a Reforma nos Países Baixos:

Os países baixos foram os territórios herdados por Carlos V, onde ele exerceu toda espécie de hostilidade contra a influência da Reforma Protestante. Quando as idéias luteranas começaram a se difundir, ele estabeleceu a Inquisição, condenando à fogueira, em 1523, os primeiros mártires da fé reformada. Apesar de mais de trinta anos de perseguição, o protestantismo sobreviveu. A influência de João Calvino tornou-se evidente através da obra dos missionários reformados, vindos da França e de Genebra. Em 1555, Carlos V foi sucedido por seu filho Filipe II, na Espanha e nos Países Baixos. Filipe foi mais carola e cruel que seu pai. De tal sorte governou, que em poucos anos muitos povos das províncias estavam dispostos à revolta contra a tirania espanhola que estava esmagando a liberdade, levando todas as riquezas dessas províncias para o reino espanhol e matando o povo por causa da sua fé. Foi assim que a causa protestante identificou-se com a causa da liberdade.

Guilherme de Orange foi o líder do partido patriótico contra a tirania de Filipe II. Descobrimo que o rei estava convocando tropas para esmagar qualquer resistência ao governo, Guilherme retirou-se para Alemanha, a fim de preparar-se para a guerra. Nesse ínterim, conheceu a verdade evangélica e aceitou-a, dedicando-se muito ao estudo da Bíblia. Este fato e a lembrança dos mártires que vira nos Países Baixos, tornaram-no em m homem profundamente religioso. Daí em diante, sua carreira foi dominada pela convicção de que ele próprio era um instrumento nas mãos de Deus para salvar o seu povo adotivo, da miséria e tirânica opressão espanhola.

Em 1567, a Armada Espanhola, chegou aos Países Baixos, dirigida pelo monstro de crueldade que foi o Duque de Alba. A carnificina por ele promovida veio enfraquecer irreparavelmente a causa da Reforma no sul

e leste do país. No ano seguinte, Guilherme começou a guerra de libertação. No início da guerra, ele compreendeu que sua causa não triunfaria no sul dos Países Baixos onde a população protestante havia sofrido parcial aniquilamento pelas forças espanholas. Essas províncias do Sul vieram a formar a moderna Bélgica, país católico-romano. Foi com os protestantes do norte dos Países Baixos que Guilherme alcançou o seu objetivo. Seu exemplo inspirou o seu povo “a sustentar a boa causa com o auxílio de Deus, sem poupança de ouro ou de sangue”. Esta nobre causa teve sua vitória em 1609. Assim nasceu a poderosa nação protestante na Holanda.

Ainda no século XVIII, surgiu uma profunda diferença teológica entre os protestantes da Holanda. Para resolver esta disputa convocou-se em 1618 o Sínodo de Dort cuja decisão contrariou os arminianos. Os arminianos defendiam que Cristo morreu por todos e alguns teólogos defendiam a idéia que Deus predestina alguns para a salvação e outros para a perdição. Os arminianos perderam, mas o ensino destes foi vitorioso na Holanda e se espalhou por toda a Inglaterra, e depois, na América.

F) Knox e a Reforma na Escócia:

Na Escócia do Século XVI era um reino independente. Seu clero tinha sido indigno e incompetente. Por isso os ensinamentos da Reforma foram avidamente aceitos. O maior líder da causa reformista na Escócia foi João Knox. Da sua vida passada apenas sabemos que nasceu em 1515. Da sua ousadia como pregador do Cristianismo reformado, resultou em 1546, sua prisão por uma força francesa que fora enviada para auxiliar o governo escocês. Por dezenove meses suportou a “vida de morte” numa das galés de escravos, na França. Passou depois vários anos na Inglaterra onde destacou-se como notável pregador. Ao rebentar a perseguição no reinado da rainha Maria, fugiu para Genebra onde se ligou a Calvino.

Enquanto Knox achava-se no exílio, a Reforma prosseguia de alguma forma na Escócia, sob a liderança de certos nobres conhecidos como os “Senhores da Congregação”. Quando Knox regressou em 1559 para assumir a direção do movimento, encontrou-os prontos a lutar pela liberdade da fé, contra a rainha regente. Dispondo de tropas francesas para lutar, ela teria, alcançado a vitória caso Knox não solicitasse auxílio a Cecil, secretário do Estado da rainha Isabel, que viu quanto era necessário ter uma Escócia protestante ao lado de uma Inglaterra protestante. Em 1560 uma arma-

da e um exército inglês expulsaram os franceses em meio ao maior regozijo do povo escocês.

O campo estava livre para que Knox e seus companheiros de ideal entrassem em ação. João Knox pregava freqüentemente com extraordinária eloqüência, fortalecendo a causa reformista com seus argumentos poderosos. Tinha uma profunda paixão pelas almas. Conta-se que um amigo seu o viu orando certa noite, sempre repetindo “Senhor, dá-me a Escócia, senão eu morro”. Não demorou organizar-se uma igreja reformada sob sua direção (Igreja Reformada Escocesa). Auxiliado por outros ministros, escreveu a nobre “Confissão Escocesa”.

O Parlamento adotou-a como o credo da Igreja nacional, rejeitando ao mesmo tempo a autoridade do papa e proibindo a missa. Foi ele também o principal autor do livro “Livro da Disciplina”, que traçava uma forma presbiteriana de governo para a igreja, seguindo o mesmo plano da Igreja Protestante Francesa. Em virtude dessas medidas reuniu-se neste mesmo ano, 1560, a primeira Assembléia Geral da Igreja da Escócia.

- **A Rainha Maria:** As conquistas alcançadas tinham de ser defendidas. Em 1561, Maria, rainha da Escócia, veio da França decididamente resolvida a restabelecer o Catolicismo Romano. E quase alcançou seu objetivo. Fracassou, devido parcialmente à sua própria perversidade e desatinos, o que despertou geral indignação contra ela, e, por outra parte, por causa da atitude decidida de João Knox. Em 1567, após a abdicação da rainha, a Reforma foi reconhecida e confirmada pelo rei.

- **A luta pelo Presbiterianismo:** Depois de alcançada a vitória do protestantismo na Escócia, surgiu a luta pelo presbiterianismo. O filho da rainha Maria, Tiago IV, tentou introduzir bispos na igreja escocesa. Ele viu que um governo eclesiástico presbiteriano nutriria e desenvolveria o espírito de liberdade entre o povo. Igualmente, alguns nobres que se aliaram ao rei, julgaram que a introdução de bispos medievais lhe daria uma oportunidade de ficarem com as terras dos bispos medievais.

Foi nessa época que levantou-se André Melville, ousado líder presbiteriano, escocês, em decidida luta contra o rei. Por causa dos seus esforços a Igreja Escocesa alcançou uma forma de governo presbiteriano completa, que ainda não tinha sido plenamente alcançada desde que surgiu a Reforma.

G) A Reforma na Inglaterra:

Muito antes do rompimento de Henrique VIII com o papa, várias forças contribuíram para o preparo do povo inglês a fim de receber a Reforma. A maior dessas forças foi a organização dos “Irmãos Lollardos” que conservou vivos os ensinamentos de Wycliffe. Além disso, havia a propaganda das idéias reformistas pelos humanistas, tais como Colet, a disseminação dos livros e ensinamentos de Lutero em alguns lugares e a circulação extensiva, embora proibida, do Novo Testamento de Tyndale, publicado em 1525.

Henrique VIII se revoltou contra a igreja, quando por motivos políticos, o papa não atendeu a seu pedido de anulação do seu casamento com Catarina. Nesse episódio estavam envolvidas graves questões de caráter nacional. Os estadistas ingleses muito se preocupavam com o fato de não haver um herdeiro do sexo masculino para a sucessão da coroa e havia também certa dúvida quanto à legalidade desse casamento segundo as leis da Igreja.

Desse modo houve alguma justificação para o seu pedido ao papa; antes porém de fazer o pedido, Henrique colocou-se numa situação indesejável por sua súbita paixão por Ana Bolena que era indignada de ser rainha do povo inglês. Henrique VIII, resolveu livrar a Inglaterra do domínio papal. Conseguiu do arcebispo de Cantuária uma declaração de ilegalidade e conseqüente anulação do seu casamento com Catarina, e da legalidade do seu casamento com Ana Bolena. Foi então excomungado por decreto papal. A resposta de Henrique foi dada através de um ato do Parlamento em 1534, pelo qual se declarava “Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra”, e por uma proclamação do clero que a ele se submetera, de que o papa não mais teria supremacia na Inglaterra.

Nada tinha sido feito até aqui no sentido de uma reforma real no terreno religioso. Quando Henrique morreu em 1547, a Igreja da Inglaterra ainda conservava seu credo e princípios doutrinários romanistas; muitos conservavam as antigas idéias religiosas. A força dessas idéias, porém, tinham sido enfraquecida por dois acontecimentos ocorrido no reinado de Henrique. Uma delas foi a ordem real para que cada igreja tivesse uma Bíblia completa, de grande formato, na língua inglesa e que fosse colocada onde o povo pudesse ler com facilidade. A Bíblia usada pelo povo era principalmente da tradução feita por Tyndale. Desde então, essa tradução passou a ser a base de todas as Bíblias de língua inglesa que aparecem posteri-

ormente. Outro ato hostil contra a religião medieval foi o fechamento dos mosteiros e confisco das suas propriedades.

No reinado de Eduardo VI a Igreja da Inglaterra tornar-se protestante rapidamente, pela influência dos nobres. Dentro de cinco anos foram publicados um Primeiro e um Segundo “Livro Comum de Orações”, modificando o culto da Igreja de acordo com as idéias da Reforma; o parlamento decretou leis que exigia que todas as pessoas assistissem ao culto reformado. Enquanto isso, os ensinamentos da Reforma se divulgavam entre o povo.

No reinado da rainha Maria, a Inglaterra volta ao domínio da Igreja Romana. Com este propósito, anulou todos os atos dos reis seus predecessores. Atacou cruelmente o Protestantismo, principalmente seus líderes. Entre as vítimas destacam-se o arcebispo Cramer e os bispos Ridley e Latimer. A Inglaterra tornou-se consideravelmente muito mais protestante, após a sua morte, em virtude da sua cruel batalha para tornar o país católico-romano. A sucessora da rainha Maria, Isabel, desde cedo demonstrou seu propósito de seguir o Protestantismo, pelo que muito contribuiu para a formação de uma igreja nacional protestante. Foi organizado também um “Livro Comum de Orações” ainda hoje adotado sem modificações substanciais.

H) Os Anabatistas, um outro movimento:

Além de luteranos e dos reformados, surgiu um terceiro movimento conhecido como “anabatista” – cristãos verdadeiramente convertidos, com base doutrinária bíblica – os ensinamentos do Novo Testamento e, particularmente, o Sermão do Monte. Nos anabatistas era produzido o modo de viver dos cristãos primitivos. A doutrina fundamental dos anabatistas era uma concepção particular a respeito da Igreja. Esta, sustentavam eles, é uma comunidade de pessoas regeneradas. Decorria daí a sua crença, de que o batismo, o rito de admissão à Igreja, só deveria ser ministrado aos adultos, porquanto, somente estes poderiam experimentar conversão. O batismo recebido na infância era destituído de valor. Por causa dessa atitude, foram chamados de “anabatistas”, isto é, que batizavam novamente.

Os anabatistas surgiram especialmente nas regiões da Europa. Procederam principalmente dos camponeses e artesãos que eram vítimas de

injustiças. Não obstante, entre eles havia alguns líderes cultos. Em geral eram calmos, devotados e trabalhadores. A Igreja Romana, naturalmente, perseguiu-os de um modo terrível. E até os luteranos e zwinglianos os perseguiram por sua rejeição ao batismo infantil e oposição às igrejas oficiais.

O mais célebre líder dos anabatistas foi Meno Simons (1492-1556). Durante vinte e cinco anos ele pastoreou as sociedades espalhadas pela Alemanha e Países Baixos, preservando-as das suas tendências para o fanatismo resultante naturalmente, dos seus sofrimentos. Conseguiu novos convertidos pela pregação e os unificou numa grande irmandade que tomou o seu nome – “Os Menonitas”. Mais ou menos em 1611, foi fundada em Londres a Primeira Igreja Batista ou Anabatista da Inglaterra.

A Contra-Reforma

Ao irromper a Reforma na Europa, a Igreja romana se achava em tal estado de decadência, e os papas da época tão interessados na vida privada e tão desinteressados nas coisas religiosas que, por espaço de vinte e cinco anos após a explosão do movimento reformador, pouquíssimas foram as medidas para reprimi-lo. Na verdade eles não criam que a Reforma sobrevivesse a seu líder, Martinho Lutero. Desde então Leão X, os papas, imersos numa vida luxuosa e imoral, não viam na revolta religiosa da Alemanha proporções maiores do que o delírio de um frade “embriagado”.

O papa Paulo III (1534-1549), apesar dos seus gostos e modo de viver, não era melhor do que aqueles que vieram antes, porém, mais diplomata que eles, compreendeu quão grave era a situação católica. Embora dotado de hábitos imorais, chegou a nomear em comissão, alguns prelados dos mais eminentes e capazes para sugerirem planos visando o melhoramento da Igreja. Acordando por fim, da sua aparente indiferença, a reação católica começou em 1541, a empregar as mais severas medidas para reprimir o Protestantismo. Os principais objetivos da reação foram: expurgar a Igreja; quebrar as forças de ação do Protestantismo; reconquistar o terreno perdido; e dar novo vigor às atividades missionárias. Os meios principais empregados pela Igreja Católica contra o progresso do Protestantismo foram três: a Sociedade de Jesus, o Concílio de Trento e a Inquisição.

A) A Sociedade de Jesus: Esta organização foi fundada pelo espanhol Inácio de Loyola (1492-1556). O primeiro grande desejo de Loyola foi ser

famoso como soldado; mas este ideal apagou-se quando, aos vinte e oito anos, recebeu grave ferimento que o aleijou para o resto da vida. Sua ambição tomou outro rumo: queria tornar-se agora um grande santo. O caminho foi entrar par um convento, mas todos os seus jejuns, penitências, orações e confissões não lhe proporcionaram a almejada paz. De repente, lançou-se com seus pecados aos pés do Criador, e alcançou a certeza de perdão e paz para a sua alma. Daí em diante sua vida seria posta a serviço de Deus.

Por conselho dos superiores, Loyola estudou teologia por seis anos na Universidade de Paris, antes de começar a trabalhar. Com profundo conhecimento na natureza humana, escolheu como companheiros de ideal, nove ajudantes que se tornariam homens de poderes extraordinários.

A “Sociedade de Jesus” foi formalmente organizada em 1540 com esses dez membros. Tanto sacerdotes como leigos eram recebidos na Ordem. O propósito da Sociedade era promover o progresso eclesiástico e lutar contra os inimigos da Igreja Católica Romana por todos os meios possíveis. A organização da Sociedade era baseada num sistema de disciplina rígida e absoluta, obediência contínua e perfeita. Dentro de poucos anos se tornaram dominadores da Igreja Católica Romana. O espírito deles era o da Contra-Reforma e o seu ideal era esmagar os dissidentes, principalmente o Protestantismo.

B) A obra do Concílio de Trento: Um dos abomináveis e desumanos instrumentos de combate à Reforma, foi o Concílio de Trento, em 1545, e durou dezoito anos, dividindo-se em três longas sessões. No final do mesmo, a Igreja Romana tinha formulado uma declaração completa de sua doutrina. Assim ela dispunha de novas e poderosas armas em sua batalha, para reconquistar o que havia perdido. De um modo geral o Concílio de Trento proporcionou meios à Igreja Romana de combater o Protestantismo.

C) A Inquisição e o Index: Os líderes da Contra-Reforma defenderam com todas as forças a crença medieval, de que era justo o uso da força contra a heresia. Mas a Igreja Romana tinha os seus próprios meios de repressão pela Inquisição. Ao lado da Inquisição operava a Congregação do Index, que condenava os livros com os quais a Igreja não concordava - os escritos protestantes e todas as versões da Bíblia, exceto a Vulgata. A Congregação condenava tudo que conduzisse o mundo ao progresso;

pesquisas e estudos de toda a natureza foram praticamente aniquilados na Itália e na Espanha.

O Catolicismo Romano atingiu o seu ponto mais baixo em 1560. Em 1566, a Igreja romana tomou a ofensiva, chefiada por Pio V, que foi o papa de espírito combativo. Os métodos já aludidos o capacitaram a atacar o Protestantismo com uma força que a igreja medieval, no início da Reforma não teria usado. Teve também o poderoso auxílio de fortes governos, especialmente do imperador alemão e dos soberanos da França e da Espanha.

Em grandes regiões do império alemão, o catolicismo predominava por causa de seus governantes, mas o Protestantismo também era forte, o governo se mostrava tolerante até então. De repente foram possuídos de um ódio tremendo, imbuídos do espírito da Contra Reforma. Pelo trabalho dos jesuítas e pela perseguição desses governos, essas regiões se tornaram solidamente católicas. Tais regiões incluíam a Áustria, Stíria, Caríntia, Bavária e grandes partes da região do Reno. Aconteceu o mesmo na Polônia. Nos Países Baixos a Contra-Reforma destruiu o Protestantismo nas províncias do sul. O maior desses empreendimentos de reconquista da Igreja Romana, foi dirigido contra a Inglaterra. Era claro que enquanto a Inglaterra conservasse o seu poder, o protestantismo não podia ser aniquilado. Foi então que a Igreja Católica tentou dar o golpe de morte no seu inimigo mais poderoso, enviando sob Filipe II, da Espanha, a Grande Armada espanhola contra a Inglaterra. Mas os combates ingleses e uma terrível tempestade, destruíram a Grande Armada, e a Inglaterra protestante foi salva.

C) A Guerra dos Trinta Anos (1618 a 1648): Com o tratado de paz de Augsburgo, estabeleceu-se por algum tempo a normalidade na Europa. Segundo o pacto de Augsburgo, os príncipes alemães tinham de escolher entre o Catolicismo e o Protestantismo, e fazer cada um a sua propaganda dentro dos limites determinado e respeitar os direitos e as propriedades uns dos outros, enfim, viver e trabalhar em união, não sendo permitido proselitismo.

Fernando, arquiduque da Stíria, e mais tarde imperador da Alemanha, inteiramente dominado pelos jesuítas, proibiu nos seus domínios o culto protestantes, banuiu seus pregadores e deu aos leigos o direito de escolher entre a conversão ao Catolicismo ou o exílio. Essa medida tão desumana quão tirânica, despertou o sentimento da nobreza alemã que se colocou ao lado dos protestantes. Maximiliano, duque da Bavária, educado pe-

los jesuítas, se colocou ao lado dos católicos.

Como medida de precaução, as autoridades de Donauwort, cidade imperial luterana, expulsaram os católicos, deixando somente os mosteiros com a condição de que os monges não fizessem nenhuma propaganda ou perturbação fora dos muros. Excitados, porém, pelos vizinhos, estes em 1606, violaram o convênio, maltratando os cidadãos protestantes. Maximiliano, tomando este ato como pretexto, entrou na cidade com as suas forças e tentou obrigar os seus habitantes na maioria luteranos, a se tornarem católicos. Enquanto isto se dava, os príncipes alemães, revoltaram-se e formaram a União Evangélica (1609). Contudo, Maximiliano com o apoio e ajuda direta do papa, facilmente derrotou os protestantes.

Fernando, que com o apoio dos protestantes fora eleito rei da Boêmia, pôs logo em prática os seus princípios jesuíticos, negando aos protestantes, o uso dos seus templos. Não se conformando com este ato violento, os parlamentares protestantes reuniram-se em Dieta, em Praga, na ausência do rei, penetraram no departamento dos conselheiros e exigiram uma explicação dos seus atos. Como estes se negassem a dar-lhes quaisquer explicações, foram atirados pela janela, fato conhecido como “a defenestração de Praga”. Em seguida os protestantes tomaram conta da cidade, estabeleceram um governo provisório e assim teve começo a prolongada luta entre católicos e protestantes, que havia de dilacerar toda a Europa Central.

Foi então que o grande Gustavo Adolfo, rei da Suécia, que salvou a causa protestante. Com uma série de brilhantes vitórias, levantou o Protestantismo do colapso. Embora depois da sua morte, em uma batalha, a guerra se tornasse desfavorável ao Protestantismo, as vantagens que alcançou tiveram caráter permanente

A paz de Vestefália pôs fim à guerra em 1648. No entanto, o papa desacatou essa paz. Numa bula declarou que a paz de Vestefália era “prejudicial à religião católica” porque cedeu aos “hereges” a liberdade de culto. Afirmou que os tratados que culminaram com a paz eram “perpetuamente nulos, sem valia, de nenhum efeito, iníquos, injustos, condenáveis, reprovados, frívolos, sem força e efeito”, e asseverou que ninguém tinha obrigação de cumpri-los. Estava pronto a continuar o holocausto, até que fossem extintos todos os que não reconhecessem a sua autoridade.

Não obstante suas falhas, este acordo pôs fim à agressão da Con-

tra-Reforma e também favoreceu o progresso do Protestantismo.

D) As missões Católicas: A Igreja Católica por todo este período desenvolveu trabalho missionário ativo. As novas terras descobertas no ocidente e no oriente, no fim dos séculos XV e XVI, tornaram-se suas seara. Os pioneiros da Igreja Romana apressaram-se a entrar nessas regiões, principalmente os franciscanos e dominicanos.

Os governos dos países que realizavam essas descobertas, julgavam que a extensão do Cristianismo era uma parte do seu dever com relação às novas terras. Esta foi a razão porque frades e sacerdotes muitas vezes tomaram parte nas viagens de exploração e sempre estavam com os primeiros colonizadores. As missões chegaram a Índia, China e nas possessões francesas da América, no Brasil e no Paraguai.

Em quase todos os países onde os jesuítas e outras ordens trabalharam, a Igreja Romana cresceu rapidamente. Mas este crescimento, como muitos historiadores católicos admitem, não foi substancial, o que vem provar que os métodos adotados não eram certos e apropriados.

EXERCÍCIO

1. ____ O católico romano define a Reforma como uma revolta protestante contra a igreja universal.
2. ____ Lutero entrou para o convento porque queria ter a certeza da salvação.
3. ____ O resultado da venda das indulgências seria usado em favor dos pobres de Roma.
4. ____ Em janeiro de 1521, Lutero foi declarado inocente pelo papa.
5. ____ Em 1531, quando faleceu o pai, Calvino foi ordenado sacerdote.
6. ____ Zwínglio, foi o responsável pela Reforma na Suíça.
7. ____ “Huguenotes” foi o primeiro apelido dado aos protestantes pelos católicos.
8. ____ O maior líder da causa reformista na Escócia foi João Knox.

História da Igreja



CAPÍTULO 4



**A Igreja Protestante
na Europa, EUA e Brasil**

A evolução da igreja protestante após 1648 d.C.

Neste último capítulo daremos um panorama geral da continuidade do trabalho dos protestantes após a Reforma; começando pela Europa, berço da Reforma protestante, passando pela América do Norte, América Latina, até chegar ao nosso país.

A Igreja na Europa

Neste período, a Igreja na Europa, foi marcada por altos e baixos, merecendo uma análise detalhada para se compreender os acontecimentos que se sucederam nesta época e posteriormente. Na França as autoridades continuavam a perseguir o protestantismo. Com a Revolução Francesa em 1789, a Igreja Católica começou a sentir a hostilidade do povo. Na Alemanha, o protestantismo, viu-se envolvido por freqüentes e vazios debates teológicos entre os seguidores dos ensinamentos de Lutero e os seguidores do ensino de Calvino. Assim, surgiu o “Pietismo”, com a finalidade de agregar em torno do seu ensino, os insatisfeitos com os rumos tomados pelos luteranos e reformados. No fim do século XVII, teve início a chamada “era da razão”. O mentor do homem em todos os assuntos da vida seria “a razão”, “a mente”.

O Cristianismo e suas doutrinas sofreram grandes apuros, por não poderem ser aquilardados pela razão e raciocínio de homens naturais. E ainda veremos a situação da Igreja Oriental, a partir da tomada de Constantinopla pelos turcos, e as conseqüências que a capitulação daquela grande metrópole trouxe sobre o Cristianismo naquela região do mundo.

O protestantismo na França

O século XVIII foi para a França uma era de grande desenvolvimento, quando a nação prosperou tão rapidamente que veio a alcançar o primeiro lugar entre as nações européias. Servindo-se desse desenvolvimento e do fortalecimento da vida religiosa nacional, a Igreja Católica deu origem ao movimento conhecido como “Galicanismo”. O movimento, representava uma tentativa de conciliar a qualidade de bom católico com a de bom francês. Os galicanos eram devotos e profundamente ligados à Igreja Católica, mas acreditavam igualmente que o papa não tinha o direito de interferir na política nacional da França. Nesta esfera só admitiam a autoridade do rei. Em oposição ao Galicanismo, levantou-se outro partido chamado “Ultramontanismo”, que obedecia ao papa antes de qualquer autoridade. Este partido era formado principalmente pelos jesuítas, sempre fiéis ao papa.

Durante a última parte do século XVII e durante todo século XVIII, os jesuítas sofreram forte oposição de grandes vultos da Igreja Católica na França. Estes homens opunham-se e protestavam com energia contra as idéias falsas e dolosas a respeito da moral de certos princípios, idéias realmente perigosas que os jesuítas espalhavam através do confessionário. Ainda, se opunham aos jesuítas por causa da obediência cega e indiscutível que prestavam ao papa, em detrimento dos interesses patrióticos. Enquanto isto os jesuítas foram perdendo mais e mais a sua popularidade.

Quando Portugal, em 1759, expulsou os jesuítas, a opinião pública francesa exigiu que se fizesse o mesmo na França, o que aconteceu em 1764. Este foi o começo do fim dos jesuítas. Logo após, a Espanha também os expulsava. Em todos os casos, a razão da expulsão era a mesma: os jesuítas eram desleais e perigosos aos governos. Finalmente, o papa Clemente XIV sob pressão dos reis dos países que haviam sofrido a influência dos jesuítas, dissolveu essa Ordem.

A) A perseguição aos Huguenotes: A era áurea de Luiz XIV, teve um lado negro nos terríveis sofrimentos infligidos aos protestantes franceses. Pelo Edito de Nantes, em 1598, os huguenotes alcançaram completa liberdade de consciência; liberdade para exercer o culto público em muitos lugares, plenos direitos civis e o governo de um grande número de cidades. Entre 1598 e 1659, não obstante o governo tirar dos huguenotes o controle sobre as cidades, isto não perturbou-lhes a liberdade religiosa.

Nesta época, o Protestantismo cresceu, tomou corpo e chegou a assumir posição de influência em grandes decisões nacionais..

Mas o clero católico romano, hipócrita e fanático, não podia tolerar este Protestantismo tão próspero. E, foi sob a pressão desse clero que o governo começou um ataque maciço em 1659. As primeiras medidas tomadas contra os protestantes foram: a suspensão total dos direitos civis e a perseguição em grandes escala para obrigá-los a professar o Catolicismo Romano. Em 1681, Luiz XIV levou a efeito, com muita pertinácia, um esforço selvagem para esmagar o protestantismo, campanha que culminou com a revogação do Edito de Nantes, quatro anos depois. Os Protestantes estavam desamparados pelas leis, e não podia nem emigrar.

O resultado de tudo isto foi uma perda irreparável para a França. Milhares dos seus mais excelentes cidadãos foram levados à morte, e outros a insuportável torturas. Nesse período, cerca de quatrocentos mil huguenotes fugiram deixando a França. A saída deles resultou num grande desastre econômico e moral para a nação. Depois de 1685 o protestantismo na França, embora dolorosamente perseguido, levou uma vida de heroísmo por quase oitenta anos. Foi quando cessou a perseguição, mas a liberdade religiosa não veio antes de 1789, concedido pelo primeiro dos governos da Revolução Francesa.

B) A Revolução Francesa: Teve início em 1789, quando a Assembléia que representava o povo, demonstrou amargo desagrado e hostilidade para com a Igreja Católica Romana. A perseguição contra os protestantes tornou o povo desgostoso e fê-lo sentir horror por uma instituição, cujos líderes foram os causadores de tais barbaridades. Muitos patriotas franceses consideravam a Igreja Católica como inimiga do espírito de lealdade nacional, porque o seu clero colocava a autoridade do papa acima da autoridade do governo.

A primeira legislatura da Revolução, a Assembléia Nacional (1789–1790): 1º) confiscou as propriedades da Igreja Romana e vendeu boa parte delas para enfrentar as necessidades nacionais; 2º) estabeleceu completa liberdade religiosa; 3º) aboliu as Ordens monásticas e reorganizou completamente a Igreja Católica, deixando-a nominalmente sujeita ao papa. Entretanto, devido em parte ao desenvolvimento da incredulidade, o próprio Cristianismo foi objeto de ódio público. Isto aconteceu pelo fato de muitos julgarem a Igreja Romana e o Cristianismo como coisas idênticas.

Em 1793, foi abolido o culto cristão, negando formalmente a existência de Deus, e estabelecendo o culto da deusa Razão. Todavia, o povo se opôs a tudo isto. Em 1795, o culto cristão foi restabelecido pelo governo. Todas as agremiações religiosas tiveram permissão de exercer formas de culto. Este acordo foi quebrado por Napoleão que possuía suas próprias idéias acerca das relações entre a Igreja e o Estado.

O Protestantismo na Alemanha

Nos anos seguintes à Reforma, o protestantismo foi marcado, por uma era triste de freqüentes e inúteis disputas teológicas. Os luteranos e os teólogos reformadores, travava, discussões doutrinárias que alargavam cada vez mais as brechas entre estes dois grupos do protestantismo.

Um dos resultados destas disputas teológicas, foi a elaboração, pelos luteranos, em 1577, de um longo credo chamado “A Fórmula da Concórdia”. Ela condenava o Calvinismo, especialmente a doutrina da predestinação, perpetuando assim a separação dos grupos luteranos e reformados. “A Fórmula da Concórdia” veio a ser considerada pelos luteranos uma expressão completa da verdade cristã. Foi esta a razão porque os ministros luteranos dedicaram suas vidas à exposição e defesa desse credo, em vez de procurarem fortalecer a vida espiritual do povo, induzindo-o ao serviço cristão. As igrejas eram frias, cheias de formalidades e inativas.

A) O surgimento do Pietismo: Esse movimento surgiu em Frankfurt. Seu primeiro líder foi Filipe Jacó Spener, que bem moço viu o grande declínio religioso pelo qual passava seu país. Como pastor em Frankfurt no período de 1666 e 1686, Spener muito se esforçou para que seu povo alcançasse um Cristianismo ardente, sincero, e purificasse a sua vida em todos os aspectos. Ele reavivou a doutrina básica da Reforma, o sacerdócio universal dos crentes. O Pietismo inspirou em outras terras, forte impulso pelo poder espiritual, o que produziu grandes resultados. A Irmandade Morávia foi, em parte, um resultado desse movimento.

A Irmandade Morávia

O fundador Conde Nicolau Von Zinzendorf (1700 – 1760), nobre austríaco que foi profundamente influenciado pelo Pietismo. Quando tinha apenas vinte e um anos de idade, comprou um território na Saxônia,

com o intuito de criar uma comunidade de pessoas verdadeiramente religiosas. Em pouco tempo foi essa região habitada de um modo providencial. Certos membros da irmandade da Boêmia, corpo religioso resultante da obra de João Huss, tendo sido perseguidos e expulsos dos seus lares na Morávia, conseguiram permissão de Zinzendorf para se estabelecerem no território a ele pertencente. Assim começou a formação dessa comunidade que tomou o nome de “Hernhut”, isto é, “Abrigo do Senhor”. As atividades missionárias, que tornaram famosas os moravianos, começaram em 1731. Eles se espalharam na Europa, Ásia, África, Américas do Norte e do Sul. Em qualquer lugar onde se encontrassem, demonstravam a mesma coragem, consagração e amor a todos os homens.

O protestantismo na Inglaterra

Neste época havia uma crise entre o Parlamento e o Rei. O Parlamento, composto pelos principais teólogos puritanos, convocou a Assembléia de Westminster (1643-1649), para apresentar planos para uma reforma definitiva da igreja nacional.

Ao mesmo tempo o parlamento, no propósito de alcançar o auxílio da Escócia na guerra contra o rei Carlos, aceitou a “Liga Solene” e o “Pacto”. Este era uma ampliação do primeiro “Pacto Escocês”, e obrigava os que o aceitassem, a defender a Igreja escocesa como tinha sido estabelecida ao tempo da Reforma, como também tornar em conformidade com elas as igrejas da Inglaterra e da Irlanda

A assembléia escreveu e submeteu à apreciação do parlamento, uma constituição completa para a Igreja da Inglaterra. Além de um esquema para o governo eclesiástico, foi apresentada a Comissão de Fé, considerada como credo para uso da Igreja, e dos catecismos, o “Maior” e o “Menor”. O projeto da assembléia para o governo da Igreja foi aprovado pelo parlamento, que ratificou assim o sistema de governo presbiteriano. Mas ele nunca foi aceito de modo geral. Não foi fácil a aplicação dessa forma de governo à Igreja em razão da confusão reinante no país, provocada pela guerra entre o parlamento e o rei Carlos.

C) A comunidade dirige os negócios eclesiásticos: Com a execução do rei em 1649, seguiu-se o estabelecimento do governo da comunidade, sendo Olivério Cromwell seu Senhor Protetor. Não obstante as muitas incertezas dominantes no período desse curto governo, havia certa liberdade religiosa.

Não se permitia liberdade ao romanismo ou ao sistema episcopal – a velha forma da Igreja Inglesa, pois ambos eram considerados politicamente perigosos. Mas, haviam igrejas de várias denominações: presbiterianas, congregacionais, batistas, etc.

Foi nessa época que apareceu a “Sociedade dos Amigos”, ou dos “Quakers”. Eles defendiam que a Igreja deveria ser guiada e instruída diretamente pelo Espírito Santo e que não deveria haver qualquer sistema fixo de governo, ou um ministério especialmente indicado, ou formas regulares de culto. George Fox foi um dos mais poderosos líderes religiosos dos Quakers e fervoroso evangelista que alcançou grande número de conversos.

D) Os Puritanos: Com o apoio do governo, tiveram a oportunidade de realizar o que desejavam, que era, fortalecer a religião e o caráter moral do povo. A severidade das decisões puritanas forma manifestas nas mais diferentes áreas da vida nacional. Fecharam-se os teatros, foram proibidos esportes brutais e alguns divertimentos tidos por inocentes e de gosto popular, tais como o festejo do Natal. Não obstante a sua esplêndida prova de caráter, havia nos puritanos certa tirania e estreiteza de visão, que contribuiu para tornar seu governo bastante impopular entre o povo inglês. Como a impopularidade do governo dos puritanos aumentava dia a dia, seguiu-se uma tremenda reação do povo contra tudo que eles tentaram introduzir e realizar. Por essa época restaurou-se a monarquia (1660), com a elevação de Carlos II ao trono. Logo o novo governo restaurou a igreja nacional à forma que tinha antes da vitória dos puritanos. Os bispos voltaram às suas paróquias e o “Livro de Oração Comum” voltou a ser o manual de culto.

Por se oporem a isto, cerca de dois mil ministros presbiterianos, congregacionais e batistas foram expulsos de suas igrejas. Ato oficial proibiam assistência às reuniões que não fossem da igreja oficial. Terrível onda de imoralidade atingiu a aristocracia inglesa e afetou grandemente outras camadas da sociedade, em decorrência da oposição do parlamento ao Puritanismo. O exemplo de um rei corrupto contribuiu para o agravamento dessa tendência. O Puritanismo parecia ter sido aniquilado. Mas tal não aconteceu.

E) A Revolução de 1689: Os acontecimentos dessa época mostraram, todavia, que a maioria do povo preferia que a igreja nacional per-

manecesse como no tempo da Reforma, em vez de seguir o sistema introduzido pelos puritanos. Tiago II, sucessor de Carlos II, tentou transformar a igreja nacional em Católica Romana. O povo lutou com obstinada coragem, lançando mão de todos os recursos disponíveis para que tal coisa não acontecesse. Apelaram para Guilherme, Príncipe de Orange, e Chefe do Estado da Holanda, para que viesse com um exército, defender a liberdade da Inglaterra e do Puritanismo. O país levantou-se para apoiá-lo. O réu Tiago II fugiu para a França, enquanto Guilherme tornou-se soberano da Inglaterra.

Essa revolução decidiu a favor da Inglaterra várias questões de mais alta importância entre as quais destacaram-se as seguintes: 1) que o poder pertencesse ao povo; 2) que a Inglaterra continuasse protestante; 3) que houvesse liberdade de culto. Depois da revolução, a vida religiosa da Inglaterra, entrou em declínio. A maioria do clero era constituída de homens de pouco fervor. Os deveres dos bispos e dos ministros, foram em grande parte negligenciados, em razão do mundanismo e egoísmo em que viviam. Muito pouco se fazia para suprir as necessidades religiosas do povo, razão que levou muitos a perderem o contato com a Igreja e se desinteressarem pelas suas atividades.

F) O Reavivamento por meio de Wesley: Em meio às incertezas quanto ao futuro da Igreja na Inglaterra, Deus levantou João Wesley, através do qual haveria de sacudir aquela nação, e trazer ao mundo o impulso religioso mais forte já ocorrido depois da Reforma.

João Wesley nasceu em 1703, seu pai era um dos ministros mais zelosos que havia na Inglaterra e sua mãe uma mulher de vida santa e de altas virtudes cristãs. Já adulto, foi estudar em Oxford, onde se destacou como homem de letras. Entrou para o ministério e serviu por alguns anos na paróquia do seu pai. Voltando depois a Oxford como professor de grego, tornou-se líder de um grupo de estudantes que eram extraordinariamente escrupulosos e metódicos em suas observâncias religiosas e deveres escolares. Por isso foram conhecidos como Metodistas, ou do Clube Santo. Entre eles estavam o irmão de João Wesley, Carlos, e um estudante pobre de Gloucester chamado George Whitefield, que se tornaram em colaboradores, mais tarde em seu ministério.

Se converteu em 1738, durante um movimento religioso em Londres. Sobre essa experiência, ele mesmo confessou anos depois: “Senti que con-

fiei em Cristo, em Cristo somente, para minha salvação e alcancei grande segurança e a certeza da purificação dos meus pecados, dos meus próprios pecados, e librei-me da lei do pecado e da morte”. No ano seguinte, realizou o primeiro trabalho que o firmou como líder de um grande avivamento. Em 1739, pregou ao ar-livre a um grupo de gente humilde, perto de Bristol. A partir daí, quase por cinquenta anos, Wesley trabalhou infatigavelmente.

Seu irmão Carlos destacou-se como eficiente pregador, mas sua principal contribuição para o reavivamento foi dada através dos seus hinos – cerca de seis mil; e Whitefield desenvolveu enormes atividades como evangelista itinerante. Os dois foram proibidos de pregar nas igrejas oficiais, pois o alvoroço às vezes provocado pela pregação destes ministros, era desagradável para aquela época caracterizada pela moderação e restrição em todas as coisas. Depois passaram a sofrer amarga oposição dos clérigos até serem expulsos.

Surgiu então um partido poderoso, denominado “Evangélicos”, composto de clérigos e leigos que foram influenciados pelo movimento vivificador. Tal influência se fez sentir na religião pessoal, na pregação e em toda a obra ministerial, como também no trabalho dos leigos.

G) Organização da Igreja Metodista: Um dos grandes resultados do reavivamento de Wesley, foi a formação de uma nova igreja – a Metodista. Wesley não desejava esse resultado. A organização da nova igreja foi coisa a que se viu forçado a aceitar e reconhecer. Por muitos anos o clero anglicano o antipatizou e hostilizou, até que os “Evangélicos” se tornaram bastante fortes e influentes, até mesmo os não-conformistas, isto é, as igrejas Livres, não apoiavam nem auxiliavam o seu trabalho. Gradualmente ele transformou suas sociedades com os respectivos pregadores em igrejas, e, em 1784, a Igreja Wesleyana ou Metodista foi definitivamente organizada. Sete anos depois, quando Wesley faleceu, a igreja contava com setenta e sete mil membros.

Milhares de pessoas passaram de um cristianismo teórico e morto, para o Cristianismo vivo e prático. Muitos deles pertenciam às classes trabalhadoras, e foi assim que uma poderosa influência espiritual dominou esta parte da sociedade inglesa. O amor de Deus sentido e experimentado com novo poder que procedeu do reavivamento por toda a parte anunciado, impulsionava os homens ao amor e ao serviço em favor dos

seus semelhantes. Essa época surgiu o abençoado movimento de ensino bíblico popular, denominado “Escola Dominical”. A primeira escola foi iniciada em 1780 por Robert Raikes, um jornalista cristão, culto e rico, de Gloucester. A escola de Raikes era destinada a crianças pobres que cresciam na ignorância, ministrando educação religiosa acompanhada de alfabetização e ética em geral. Nessa época, ilustres cristãos destacaram-se como líderes de movimentos de interesses nacionais, tais como: reformas penitenciárias e contra o trabalho imposto aos menores.

H) Os movimentos missionários: O maior de todos os resultados do reavivamento por ação de Wesley, foi o moderno movimento missionário. Coube a Guilherme Carey, sapateiro e pregador leigo batista, iniciar o movimento missionário. Ele impressionou seus ouvintes com a visão que tinha, de ver o mundo pagão convertido a Cristo.

Em 1792, ele organizou a “Sociedade Batista Para a Propaganda do Evangelho Entre os Pagãos”. O primeiro missionário por ela enviado foi o próprio Carey, destinado a realizar um nobre trabalho na Índia. O exemplo dos batistas foi logo imitado. A “Sociedade Missionária de Londres” foi organizada em 1795, formada principalmente pelos Congregacionais, e a “Sociedade Eclesiástica Missionária”, em 1799, pelos “Evangélicos” da Inglaterra. Os metodistas também organizaram seu trabalho missionário. Tal entusiasmo missionário se espalhou pela Escócia, América e pelo continente europeu.

O Protestantismo na Escócia e na Irlanda

A restauração de Carlos II ao reino da Escócia, foi seguida de uma reação semelhante à que houve na Inglaterra. Em 1661, o Parlamento Escocês restabeleceu os bispos na Igreja da Escócia e declarou o rei como chefe da Igreja. Removeu também das suas paróquias muitos ministros que foram substituídos por homens incompetentes. Contra tal atitude houve protesto do povo, quem em grande parte abandonou as igrejas para ouvir os ministros expulsos em suas próprias casas ou nas praças públicas.

A) Os Pactuantes Perseguidos: Levantaram-se os “Convenanters” ou Pactuantes – poderosos grupos de pessoas que insistiam em permanecer fiéis à antiga forma presbiteriana e contrário às interferências do governo nos negócios da igreja. Contra essas pessoas moveu-se atroz perseguição cujo resultado foi torná-la mais firme. Não tardou para que essa oposição

ao governo se transformasse em rebelião armada, que terminou na batalha de Ponte Bothwell em 1679, onde os rebeldes foram derrotados. Depois disto alguns pactuantes prometeram ficar em paz. Outros, porém, conhecidos como “Cameronianos”, com seu chefe Ricardo Cameron, nem se submeteram, nem reconheceram o governo, que lhes exigia o que eles próprios consideravam um erro. No oeste da Escócia esta gente foi perseguida por toda a parte. Homens e mulheres preferiam abandonar suas profissões e lares, a violar suas convicções quanto ao que julgavam ser a vontade de Deus.

B) A Igreja Escocesa volta a ser Presbiteriana: O fim dessa perseguição veio com a ascensão ao poder, de Guilherme e Maria, em 1689. O presbiteriano foi, então, restaurado na Escócia para nunca mais ser perturbado. Alguns dos “cameronianos” não aprovam de todo esta restauração, em virtude de não se fazer referência especial ao Contrato ou Acordo, que para eles era de tanta importância e estima. Daí eles se recusaram a tomar parte na Igreja reorganizada da Escócia. Deles procedeu a organização que tomou o nome de Igreja Reformada Presbiteriana.

A Igreja Nacional que se tornara presbiteriana em 1689, além de ser a igreja oficial da Escócia, representava realmente as legítimas opiniões e sentimentos religiosos do povo. A grande maioria era presbiteriana, e quase todos, exceto uns poucos, estavam na igreja nacional. A união dos Parlamentos da Inglaterra e da Escócia em 1707, deixou este último país sem outro parlamento ou qualquer instituição política que lhe fosse própria. A Igreja nacional tornou-se então a grande organização do povo escocês.

A vida religiosa da Escócia durante o século XVIII foi assinalado por indiferença generalizada e por uma inatividade semelhante à que existia na Inglaterra antes do grande reavivamento. Não havia interesse nem entusiasmo no ministério. O Reavivamento geral na Inglaterra não teve a mesma correspondência na Escócia, que esperou até o século XIX para experimentar a influência renovadora e vivificadora do Espírito Santo. O entusiasmo pelo trabalho missionário afetou então a Escócia, e duas sociedades missionárias foram organizadas em 1796. Mas no mesmo ano, a Assembléia Geral da Igreja Escocesa aprovou o indigno ponto de vista de que “espalhar o conhecimento do evangelho entre os bárbaros das nações é absurdo e inominável”.

C) O Presbiterianismo na Irlanda: Durante a primeira metade do século XVII, grandes extensões de terra no norte da Irlanda, foram tomadas pelo governo inglês, em virtude dos seus proprietários se terem rebelado. O povo irlandês que residia nessas regiões ficou desabrigado e emigrou para o Sul. Suas propriedades foram ocupadas pelos novos colonos que o governo fez vir da Escócia e da Inglaterra. Mais tarde, durante os “Tempos de Trucidamento”, outros povos escoceses fugiram para a Irlanda, foi assim que a província de “Ulster” veio a ser habitada principalmente por gente escocesa, quase toda ela presbiteriana. Esta é a origem do povo “escocês-irlandês”. Durante o século seguinte foram terrivelmente maltratados pelos proprietários das terras. Foram também perseguidos pela igreja oficial da Irlanda, que era episcopal, como a da Inglaterra. Por isto, entre os anos 1713 e 1775, muitos milhares de escoceses-irlandeses emigraram para a América onde desempenharam notável papel na formação do povo americano.

A Igreja no Oriente da Europa

Em 1453, caiu sobre a Igreja do Oriente o maior infortúnio da sua história: a tomada de Constantinopla pelos turcos. O Império do Oriente, por tanto tempo campeão do Cristianismo, caiu. Tinha agora um sultão sentado no trono do imperador. Santa Sofia, a magnífica catedral construída por Justino, no século VI, foi tornada uma mesquita mulçumana, sinal verde visível da capitulação do Cristianismo sob as mãos do Islamismo. Os Cristãos perderam todos os seus direitos ainda que pudessem conservar o seu culto, tendo de viver em sujeição, sem nenhum amparo legal. Contudo a organização da Igreja permaneceu inalterada. O patriarca de Constantinopla teve os seus poderes aumentados sobre os patriarcas de Antioquia, Jerusalém e Alexandria, tornando-se o chefe de todos os cristãos do império turco, exceto a Rússia. O patriarca era indicado pelo sultão e ficava inteiramente à mercê do seu poder.

Com a queda de Constantinopla, muitos gregos cultos fugiram para a Europa ocidental e ali tomaram parte do renascimento cultural. A emigração desses homens altamente instruídos enfraqueceu seriamente a vida intelectual da igreja oriental. O clero passou a ser composto por homens ignorantes, e, a pregação desapareceu dos púlpitos. Assim a vitória turca foi, em todos os sentidos, um golpe profundo e mortal contra a Igreja oriental.

Porém, mesmo precariamente, essa Igreja continuou existindo.

A Rússia e Sua Igreja

Logo após a queda do Império Ocidental, levantou-se um novo império norte – a Rússia. Desde a queda de Constantinopla, a igreja russa foi se tornando independente. Nominalmente ainda era sujeita ao patriarcado de Constantinopla, mas o bispo metropolitano de Moscou não era mais escolhido pelo patriarca de Constantinopla. Assim, em 1587, o bispo metropolitano de Moscou via-se elevado à categoria de patriarca.

Durante o século seguinte, a Igreja russa revelou uma vida nova, especialmente ao tempo do famoso patriarca Nicônio. Este promoveu um extraordinário desenvolvimento na educação e na vida moral do clero, como também despertou interesse pela pregação. Na doutrina, porém, não houve mudança; não se verificou qualquer progresso na direção de uma forma mais pura de Cristianismo. Quando o Protestantismo penetrou na Rússia, foi terrivelmente perseguido e banido. Também, nem a religião, nem o clero, nem o povo puderam libertar-se da superstição dominante.

Durante o período da Contra-Reforma, a Igreja Católica Romana tentou também conquistar a Rússia. Foi bem sucedida em algumas regiões do sudoeste do país à custa de certas atitudes liberais. Tudo o que se pedia do povo que vinha da igreja oriental para a Romana, era submissão ao papa. Foi-lhes permitido conservar sua forma de culto e costumes religiosos, e até mesmo permissão para os membros do clero se casarem. Esses católicos eram chamados “uniatas”

No início do século XVIII, czar Pedro, o Grande, deu à Igreja a forma de governo que ela conservou até a revolução de 1917. Em substituição ao patriarca, organizou o Santo Sínodo, que era um corpo de bispos e sacerdotes escolhidos pelo czar. Assim a igreja russa tornou-se completamente sujeita ao governo que passou a ser o seu “guarda e protetor”.

A Igreja na América do Norte

A história da igreja na América começou no ano de 1494, quando Colombo, em sua segunda viagem, levou consigo sacerdotes para converter os nativos da terra descoberta. Mais ou menos em 1565 e 1600 foram fundadas as primeiras igrejas romanas nos Estados Unidos. Praticamente todas as igrejas protestantes da Reforma aportaram nos Estados Unidos; a

implantação do cristianismo se deu por vários motivos. Muitos colonizadores esperavam encontrar a rota marítima ocidental para as riquezas da Ásia, matérias-primas e mercados importantes para o comércio lucrativo. Outros vieram porque criam que as colônias poderiam absorver a população excedente dos lugares de origem. E também a colonização de pontos estrategicamente necessários a segurança de alguns países. Ingleses, franceses, espanhóis, suecos e holandeses mudaram-se para os Estados Unidos e implantaram cada um a religião que praticavam na sua terra natal. O instrumento usado nesta mudança de pessoas foram principalmente as grandes empresas contemporâneas, que financiaram a vinda desses colonos.

A distância da Europa, o imediato engajamento dos crentes e o conseqüente controle leigo da igreja, os constantes avivamentos, a influência do interior e o relativo radicalismo religioso das seitas que vieram para os Estados Unidos tornaram o cristianismo norte-americano tremendamente criativo em suas atividades. O envolvimento da igreja institucional na satisfação de necessidades sociais, culturais e religiosas, o trabalho jovem, missões nacionais e o movimento ecumênico ilustram bem este aspecto criativo do cristianismo nos EUA.

A) A implantação da Igreja Anglicana (1607): Em 1606, a Virgínia Company (Inglaterra), recebeu permissão para explorar terras nos Estados Unidos e em 1607 enviou colonos para Jamestown. Esta colônia de nobres e trabalhadores foi organizada sob uma base comunal e a administração era feita através da Igreja Anglicana. A colônia só prosperou economicamente quando a experiência comunal se encerrou em 1619, e as terras e o privilégio de eleger um governo representativo foram assegurados aos colonos pela Companhia. Um número cada vez maior de anglicanos puritanos emigrou para a colônia.

B) A implantação do Congregacionalismo (1620): Nos primórdios do século XVII, a congregação de Scrooby, que emigrara para a acolhedora cidade de Leyden, na Holanda, a fim de fugir à perseguição por causa de suas idéias congregacionais, decidiu emigrar para os Estados Unidos, temerosos de uma possível integração da sua juventude na população holandesa. Uma companhia londrina de comerciantes emprestou o dinheiro necessário para desse empreendimento em troca de trabalho, com a abertura de uma indústria pesqueira. Em agosto de 1620, cerca de 100 colonos, conhecidos como Peregrinos, saíram da Inglaterra em direção aos Estados

Unidos e se instalaram em Plymouth, Nova Inglaterra, EUA. Esses colonos eram congregacionais puritanos ou, talvez anglicanos com inclinação para o congregacionalismo antes de deixarem a Inglaterra.

C) A implantação das Igrejas Batistas (1631): O começo das Igrejas batistas nos Estados está ligado também à “revoada” dos puritanos. Roger Williams, educado para o ministério anglicano em Cambridge, logo adotou idéias separatistas. Sua independência intelectual levou-o a deixar a Inglaterra indo para Boston, em 1631. Daí foi para Plymouth, por entender que a Igreja em Boston não estava suficientemente purificada. Quando a Igreja em Salém o convidou para pastoreá-la em 1634, a Corte Geral, interveio e ordenou sua saída, porque ele defendi o direito do índio à propriedade da terra, opunha-se a igreja oficial e achava que os magistrados não deviam ter qualquer poder sobre a religião do homem. Em 1639, ele fundou uma igreja em Providence e todos os membros foram rebatizados, inclusive Williams.

D) A implantação do Catolicismo Romano (1634): A América Central e a do Sul receberam uma cultura católica-romana autoritativa, latina e homogênea, da Espanha e Portugal; mas a América do Norte, exceto Quebec e Lousiana, recebeu uma cultura pluralista, anglo-saxônica e protestante, do norte e oeste europeus. Em 1556 os espanhóis introduziram na Flórida um catolicismo que não foi duradouro e mais tarde, no Novo México, Arizona e Califórnia. Os franceses introduziram-no em Quebec, mas não fincou raízes nas treze colônias antes de 1634, Maryland. A maior parte dos irlandeses e alemães que vieram para os Estados Unidos após 1850 eram católicos romanos.

E) A implantação dos Quacres –Luteranos (1656): Os quacres surgiram em Boston em 1656. Em 1674, New Jersey foi dividida em duas, uma oriental e outra ocidental até 1702. Mas foi a Pensylvania que se constituiu no grande refúgio quacre. O luteranismo norte-americano só teve organização definida em 1742. Entre eles tinham menonitas alemães, moravianos, suecos, etc..

F) A implantação dos Presbiterianos (1683): Na primeira metade do século XVII, os presbiterianos escoceses, forçados por James I a desalojar os irlandeses, continuavam a emigrar para a Irlanda do Norte. Muitos escoceses-irlandeses emigraram para as Colônias americanas, devido à discriminação econômica praticada contra a Irlanda pelas leis comerciais

da Inglaterra. Francis Makemi, um irlandês que chegou às colônias em 1683, tornou-se o pai do presbiterianismo norte-americano. Em 1706, ele já tinha organizado um presbitério. Em 1750, perto de 100 mil foram para os estados Unidos (Nova Inglaterra, New Jersey, New York, Pensylvania etc.)

G) A implantação do Metodismo (1760): Foi introduzido às treze colônias após 1760, através da cidade de Maryland. John Wesley enviou dois missionários oficialmente em 1768, e em 1784 o Metodismo foi formalmente organizado nas colônias.

Deste modo, as várias igrejas criadas pela Reforma foram transplantadas para os Estados ainda nos primeiros 150 anos da histórias das colônias. Exceto, por um pouco, em Maryland e nas colônias do centro, nenhuma igreja foi reconhecida como oficial até a Revolução Americana. Depois da Revolução, a separação entre a igreja e o Estado levou as igrejas a dependerem do sustento voluntário para as suas realizações.

O catolicismo romano na América Latina

Devido à associação entre Igreja e Estado, mudanças radicais no desenvolvimento e papel da Igreja na América Latina só se processaram mediante importantes distúrbios nas estruturas políticas. Na América hispânica, o sistema de *encomienda* achava-se solidamente arraigado. Na formação histórica da América Latina tornou-se praticamente impossível integrar-se na sociedade sem seguir, ou pelo menos respeitar, a religião católica. A cristandade latina emergente foi sendo moldada pelos sacerdotes que trabalhavam em conjunto com as autoridades colonialistas.

Na América portuguesa, os europeus continuavam fazendo incursões nas povoações jesuítas, mas dependiam cada vez mais do comércio de escravos africanos para o suprimento da mão-de-obra necessária às plantações de açúcar. As pressões exercidas para que fossem supridas mais riquezas a fim de sustentar tanto as aventuras como a economia das duas pátrias-mãe (Portugal e Espanha), tornaram-se um fardo intolerável.

Para completar, por volta do século XVI a Igreja Católica institui a Inquisição como ferramenta para moldar as novas sociedades. O Santo Ofício foi estabelecido em Lisboa em 1536. No México e em Lima em 1569. Mas no Brasil a inquisição portuguesa jamais abriu um tribunal, em lugar

disso, contentou-se em receber relatórios periódicos. O Santo Ofício teve um efeito indireto mas formativo sobre a evolução do catolicismo, especialmente no Brasil. De um lado, para frear o aparecimento de novos cristãos ou protestantismo. Por outro lado, ele contribuiu para o sincretismo religioso que possibilitou aos negros esconderem suas religiões africanas sob o manto das invocações e imagens católicas. Até então o protestantismo não constituía um problema.

Em fins do século XVIII as colônias começaram a sentir-se esgotadas. Em princípios do século XIX elas livraram-se do jugo ibérico. As conseqüências para as igrejas hispânicas foram desastrosas. O Brasil sofreu menos devido à forma tomada pela sua libertação. No Brasil, a crise entre a igreja e estado surgiu perto do final do século XIX. Mas foi também no século XIX que o protestantismo despertou de sua inatividade e deu início a uma intensa obra missionária na América Latina.

A Igreja protestante no Brasil

Há um enorme abismo, não só de séculos, mas também de acontecimentos e crescimento, entre hoje e aquele dia em 1558, quando os huguenotes (protestantes) franceses fracassados e traídos, saíram, em seu barco frágil da baía da Guanabara. Fazia apenas três curtos anos que haviam chegado com toda esperança de solidificar uma colônia francesa na qual pudessem gozar de liberdade religiosa. Mas foi tudo em vão. A maioria morreu em alto mar, enquanto outros foram executados pelos jesuítas. Depois da tentativa dos franceses protestantes, houve outras imigrações que também não afetaram muito a evangelização no Brasil. Os holandeses vieram para a Bahia em 1624, mas ficaram no nordeste apenas 30 anos, antes de serem expulsos. Posteriormente, veio o “período das trevas” na fase colonial do Brasil. As atividades da Inquisição aumentaram e todo estrangeiro foi proibido de entrar no país.

Em 1808, as coisas começaram a mudar com uma nova lei que permitia o comércio com países amigos. A primeira nação aceita foi a Inglaterra, onde o espírito missionário havia acabado de surgir e estava começando a crescer. Juntamente com comerciantes ingleses, que, em 1819, construíram a primeira igreja protestante no Brasil (e que existe até hoje, a Igreja de Cristo, no RJ), e junto vieram representantes das recém-or-

ganizadas sociedades bíblicas. Depois dos ingleses, imigrantes da Alemanha e Suíça começaram a vir para o país. Os luteranos alemães chegaram ao Rio Grande do Sul em 1823, como resultado de o governo brasileiro buscar mão de obra para cultivo de suas terras.

A Igreja Luterana se estabeleceu no sul do país, apesar de leis do Império daquela época, que proibiam a construção de templos, permitindo apenas cultos nas casas. Porém os luteranos não vieram para evangelizar, e sim para trabalhar; portanto não cresceram para incluir os brasileiros. A igreja não cresceu por falta de apoio da Igreja da Alemanha.

A) Missões e Missionários: Houve muitos pioneiros, que desbravaram o Brasil, evangelizando, traduzindo a Bíblia, plantando igrejas, vendendo Bíblias, libertando as pessoas, curando os doentes, enfrentando a Igreja Católica, construindo escolas e universidades, defendendo a liberdade, fazendo discípulos. Não teríamos como mencionar todos, por isso destacamos alguns missionários, que contribuíram na implantação das principais denominações protestantes no Brasil.

- *Spaulding e Kidder*: Em 1836, o Rev. Justin Spaulding, foi designado como o primeiro missionário Metodista no Brasil. Um ano depois, Daniel Kidder veio com sua esposa para vender Bíblia. Ele tentou por a Bíblia nas escolas públicas e a idéia até foi aceita por um tempo. Mas depois, foi-lhe negada a permissão. Em 1841, Justin voltou para aos Estados Unidos, pois tinham esgotados os fundos missionários. Após anos difíceis da Guerra Civil americana, os metodistas do sul dos Estados Unidos, enviaram J. Newman, em 1874, para o Brasil. Em 1876, J. J. Ranson também como missionário foi enviado para o Brasil, permanecendo entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1930, a Igreja Metodista do Brasil foi organizada.

- *Dr. Robert e Sarah Kalley*: Em 1855, um médico escocês, Dr. Robert Kalley, chegou ao Rio de Janeiro e organizou o primeiro trabalho evangélico que permanece até hoje. Kalley e sua esposa fundaram a Igreja Congregacional do Rio de Janeiro e a União Evangélica da América do Sul (união de três missões estrangeiras).

- *Ashbel Green Simonton*: Nasceu nos EUA, fez seminário em Princeton, depois se escreveu à Junta de Missões se oferecendo para trabalhar no Brasil. Chegou aqui em 1859. Fundou no Rio de Janeiro a Igreja Presbiteriana (1862), a primeira escola Dominical, um jornal, e um seminário para a formação de um ministério nacional idôneo, isto é, pastores brasilei-

ros, para o povo brasileiro. Morreu em São Paulo aos 34 anos, vítima de febre amarela.

- *Os Casais Bagby e Taylor*: O trabalho batista começou no Brasil com esses dois casais. Depois de finalizarem o aprendizado da língua portuguesa, decidiram ir para a Bahia, onde não existia nenhuma outra igreja evangélica. Em 15 de outubro de 1882, foi organizada Primeira Igreja Batista da Bahia. Depois de 2 anos o casal Bagby decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, onde iniciaram uma outra igreja, mas o trabalho não cresceu muito. Por isso, depois de 18 anos no Rio mudaram-se para São Paulo. Com esforço foi iniciado o Colégio Batista Progresso Brasileiro em 1902.

- *Gunnar Vingren e Daniel Berg*: De origem sueca, os dois primeiramente, fizeram parte da Igreja Batista nos EUA. Através de uma mensagem profética vieram para o Brasil, em 1910. Sem dinheiro e sem o menor conhecimento a respeito do Brasil, aportaram na cidade de Belém do Pará. Dirigiram-se à Igreja Batista da cidade, mas por causa da sua crença nos dons do Espírito Santo foram expulsos. Logo começaram o seu próprio trabalho, denominando-o Assembléia de Deus (foi organizada em 1911). A obra cresceu rapidamente. A igreja se espalhou pelos estados do Nordeste, descendo depois para o Rio de Janeiro. Do Rio, a igreja expandiu-se por todo o Brasil.

Ainda está para ser escrita a história das missões brasileiras. Muitos missionários estrangeiros já vieram e alguns brasileiros já saíram para outras terras, mas ainda temos muito pouco escrito sobre estes missionários. Talvez nunca iremos saber sobre muitos desses homens e mulheres, que por amor a Deus e ao próximo vieram ou foram, enfrentando todo tipo de adversidades, mas que venceram e levaram o Reino de Deus avante.

EXERCÍCIO

1. ____ Galicanismo, foi um movimento que representou a tentativa de conciliar a qualidade de bom católico com a de bom francês.
2. ____ Entre 1598 e 1659 os “huguenotes” perderam o controle sobre as cidades na França.
3. ____ A primeira legislatura da Revolução Francesa, a Assembléia Nacional, confiscou as propriedades da Igreja Romana.
4. ____ João Wesley contribuiu para o reavivamento na Inglaterra no século XVIII.
5. ____ Os “Pactantes” é um grupo de pessoas que permaneceram contra às interferências do governo nos negócios da igreja.
6. ____ Praticamente todas as igrejas protestantes aportaram nos EUA.
7. ____ O Santo Ofício foi estabelecido em Lisboa, em 1536.
8. ____ Depois dos ingleses, foram os alemães e os suíços que vieram para o Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- 📖 Dos primórdios à atualidade. Raimundo Ferreira de Oliveira. CPAD.
- 📖 História da Igreja. EETAD
- 📖 O cristianismo através dos séculos. Earle E. Cairns. Vida Nova.
- 📖 História do Cristianismo— Dos Apóstolos do Senhor Jesus ao Século XX. CPAD
- 📖 Até os Confins da Terra — Uma História Biográfica das Missões Cristãs. Ruth A Tucker — Vida Nova

GABARITO DOS EXERCÍCIOS

	lição 1	lição 2	lição 3	lição 4
1	C	C	C	C
2	C	C	C	C
3	C	C	E	C
4	C	C	E	C
5	C	C	E	C
6	C	C	C	C
7	C	C	C	C
8	C	C	C	C

Seminário Evangélico Para Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR

Programa Curricular

LIVRO 1	Doutrina da Salvação
LIVRO 2	Pentateuco
LIVRO 3	Louvor e Adoração
LIVRO 4	Os Evangelhos
LIVRO 5	Livro de Atos
LIVRO 6	História da Igreja
LIVRO 7	Família Cristã
LIVRO 8	Epístolas aos Hebreus
LIVRO 9	Cura e Libertação
LIVRO 10	Aconselhamento Cristão
LIVRO 11	Oração Intercessória
LIVRO 12	Epístolas Paulinas 1
LIVRO 13	Epístolas Paulinas 2
LIVRO 14	Epístolas Paulinas 3
LIVRO 15	Homilética
LIVRO 16	Espírito Santo
LIVRO 17	Cristologia
LIVRO 18	Princípios da Hermenêutica
LIVRO 19	Escatologia Bíblica
LIVRO 20	As Epístolas Gerais
LIVRO 21	Criação e o Mundo Espiritual
LIVRO 22	História de Israel
LIVRO 23	Seitas e Heresias
LIVRO 24	Profetas Maiores
LIVRO 25	Profetas Menores
LIVRO 26	Batalha Espiritual
LIVRO 27	Discipulado Prático